

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRO-REITORIA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO
PROGRAMA DO MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

VALTEMIR RAMOS GUIMARÃES

**FUNDAMENTALISMO BÍBLICO PROTESTANTE:
Abordagem Histórica e Implicações Sociorreligiosas**

RECIFE, 2014

VALTEMIR RAMOS GUIMARÃES

**FUNDAMENTALISMO BÍBLICO PROTESTANTE:
Abordagem Histórica e Implicações Sociorreligiosas**

Dissertação apresentada por Valtemir Ramos Guimarães, como exigência à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Pernambuco, sob a orientação do Prof. Dr. João Luiz Correia Júnior.

RECIFE, 2014

VALTEMIR RAMOS GUIMARÃES

**FUNDAMENTALISMO BÍBLICO PROTESTANTE:
Abordagem Histórica e Implicações Sociorreligiosas**

Dissertação apresentada por Valtemir Ramos Guimarães, como exigência à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Pernambuco, sob a orientação do Prof. Dr. João Luiz Correia Júnior.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Inácio Reinaldo Strieder - UFPE

Prof. Dr. Luiz Alencar Libório - UNICAP

Prof. Dr. João Luiz Correia Júnior – UNICAP

AGRADECIMENTO

Esta dissertação é fruto de questionamentos pessoais a partir de uma práxis de vida no seio protestante pentecostal, durante anos de dedicação. Como pastor envolvido na evangelização, utilizo a Bíblia como fundamento de meu pastoreio e conheço de perto sua relevância no processo de conversão e humanização das pessoas com quem trabalho e para as quais dedico minha vida missionária.

Provocado pelos desafios deste trabalho, resolvi estudar, com o olhar crítico de pesquisador, como a Bíblia é interpretada e utilizada no seio das comunidades protestantes, dedicando especial atenção ao Fundamentalismo Bíblico, com o intuito de perceber as implicações socioreligiosas que tal fenômeno tem para a atualidade.

São várias as pessoas que, ao longo desses anos, apoiaram, incentivaram, contribuíram moralmente, reflexivamente e financeiramente, a fim de que esta dissertação chegasse à sua conclusão. A todos, deixo minha sincera e profunda gratidão.

Todavia, em meio a essas significativas pessoas, quero trazer, à tona, algumas que, particularmente, preciso destacar:

Em primeiro lugar ao Deus triúno: Pai, Filho e Espírito Santo, Criador e Senhor, revelado nas Escrituras, a Bíblia Sagrada. É Ele que se faz presente em minha caminhada e me dá forças e inspiração para viver o amor e a humildade, a fim de que eu possa viver com todos, superando as intempéries que se apresentam no decurso da vida.

Aos meus inesquecíveis pais (*in memoriam*), meu padrão de vida moral e de amor. Também agradeço às minhas irmãs, irmãos e familiares, todos, meu paraíso na terra, onde me sinto bem.

À minha amada esposa Alessandra Cássia e ao meu querido e amado filho Arlesson Cássio, por serem fontes de inspiração na minha busca espiritual e intelectual, sempre me apoiando nos momentos difíceis.

À minha querida Igreja Pentecostal Assembleia de Deus, pelas orações dos seus fiéis em meu favor, que me levam a meditar nas palavras do Senhor Jesus: A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou. (Jo 7,16).

Ao meu orientador, amigo – Prof. Dr. João Luiz Correia Júnior, pela capacidade, conhecimento, paciência e amor pelo que faz.

Aos meus colegas da 8ª turma do Mestrado em Ciências da Religião, com os quais aprendi a mutualidade, ou seja, ver melhor o outro, e a alteridade, respeitando cada contexto.

Ao prof. Dr. Gilbraz Souza Aragão, coordenador do Programa, durante a maior parte do meu Mestrado, homem amigo, um sábio conselheiro e de grande capacidade de relacionamento.

A todos os professores que, com esmero, dedicação e amor, ajudaram-me a chegar até aqui, em especial ao Prof. Dr. Luiz Alencar Libório, pela inestimável ajuda para um melhor discernimento na elaboração deste tema.

À colega Maristela Veloso, pela ajuda que me deu durante os arremates finais deste trabalho. Enfim, a todas as pessoas que acreditaram e torceram por mim, meu muito obrigado.

RESUMO

Esta Dissertação tem, como objetivo geral, analisar o fenômeno sociorreligioso do Fundamentalismo bíblico, desde sua origem, no seio do Protestantismo norte-americano do século XIX, até os nossos dias, em que se observa sua forte presença, sobretudo no seio do Protestantismo. Paradoxalmente, apesar de todo avanço científico e tecnológico que se observa nestes últimos anos, que deram início ao século XXI, o Fundamentalismo tem crescido em todas as culturas das chamadas Religiões do Livro: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. E não apenas nos meios religiosos, mas em outros setores da sociedade, inclusive nos meios políticos. No que tange ao Fundamentalismo Bíblico presente em comunidades protestantes, observam-se aspectos positivos e negativos, que serão devidamente analisados ao longo deste trabalho. Para tanto, procuramos investigar os pressupostos, desenvolvimento e difusão do Fundamentalismo, desde suas origens no seio do Protestantismo norte-americano no Século XIX, a fim de se compreender suas implicações sociorreligiosas para a atualidade. A metodologia aplicada consta de estudos e pesquisas em bibliografia especializada proveniente do ambiente acadêmico na área de História, Sociologia, Antropologia, Teologia, Exegese e Hermenêutica bíblica, de autores protestantes e católicos, que transitam no campo epistemológico das Ciências da Religião. Com informações pertinentes para a atualidade, reconhecemos que o Fundamentalismo Bíblico tem crescido e impactado no dia-a-dia no meio eclesial, onde é evidente a sua práxis no Brasil e no mundo. Concluimos que o assunto estudado se reflete nas relações familiares, comunitárias e, sociais, em meio aos desafios da modernidade em crise.

Palavras-chave: Religião, Cristianismo, Igreja, Protestantismo, Bíblia

ABSTRACT

This paper aims, in general, at analyzing the Biblical Fundamentalism socioreligious phenomenon, since its origin, within the nineteenth century Northamerican Protestantism, until our days which we observe in its Fundamentalism's strong presence, overall in the Protestantism's inner life. Paradoxically, in spite of all scientific and technological advancement that is observed in these recent – last – years, which have given beginning to the twenty first century, Fundamentalism has grown up in all so-called Book Religions: Judaism, Christianity and Islamism. And this is not true only in the religious circles, but also in other society sectors, including the political ones. Regarding to the Biblical Fundamentalism, present in protestant communities, we can observe positive and negative aspects which will be properly analyzed throughout this work. In this perspective, we have tried researching the Fundamentalism's assumptions, development and dissemination, since its origin within American Protestantism in the late nineteenth century in order to understand its socioreligious implications for the present days. The applied methodology consists of studies and researches, departing from specialized bibliography, based on the academic environment in History, Sociology, Anthropology, Theology, Exegesis and Biblical Hermeneutics area, departing from protestant and catholic authors who transit throughout the Sciences concerning Religion epistemological field. Departing from pertinent informations regarding to the present time, we acknowledge that the Biblical Fundamentalism has grown and impacted, day after day, in the ecclesiastical environment which is evident in its praxis in Brazil and in the world. We may conclude that this studies subject reflectes in the relationships concerning family, the communities and society, amid the challenges regarding to the modernity in crises.

Key words: Religion, Christianity, Church, Protestantism, Bible

ABREVIATURAS E SIGLAS

a.C.	Antes de Cristo
At	Atos dos Apóstolos
BJ	Bíblia de Jerusalém
BEP	Bíblia de Estudo Pentecostal
Cf.	Conforme
CMI	Conselho Mundial de Igrejas
Dn	Daniel
Dt	Deuteronômio
Ef	Efésios
EUA	Estados Unidos da América
Êx	Êxodo
Gn	Gênesis
Hb	Hebreus
<i>In:</i>	Em, no, contido em
I Ts	Primeira carta de São Paulo aos tessalonicenses
i.é.,	isto é,
Jo	João
Js	Josué
Lc	Lucas
Mc	Marcos
Mq	Miqueias
Mt	Mateus
ND	Nova Direita
Org.	Organizador ou organizada por
p.	Página
Sl	Salmos
SOTER	Sociedade de Teologia e Ciências da Religião
ss	Versículos
UMESP	Universidade Metodista de São Paulo
Zc	Zacarias

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 FUNDAMENTALISMO	14
1.1 Em busca de conceitos	14
1.1.1 Fundamentalismo	14
1.1.2 Fundamentalismo Religioso	16
1.1.3 Fundamentalismo Bíblico	17
1.2 As origem do fundamentalismo bíblico	18
1.2.1 O Berço do Fundamentalismo Bíblico	18
1.2.2 Pressupostos do Fundamentalismo	20
1.2.3 As Controvérsias dentro do Protestantismo	22
1.2.3.1 As Bases Filosóficas e Teológicas do Liberalismo Protestante	23
1.2.3.2 Reação dos Conservadores Protestantes ao Liberalismo	27
1.3 O desenvolvimento do fundamentalismo bíblico	29
1.3.1 Primeira Etapa: Conflito Teológico (final do século XIX até 1918)	29
1.3.2 Segunda Etapa: Movimento Social Conservador (de 1918 a 1930)	31
1.3.3 Terceira Etapa: Decadência e Reorganização (de 1930 a 1957)	32
1.3.4 Quarta Etapa: Renascimento e Militância Política (a partir de 1960)	34
2 O FUNDAMENTALISMO BÍBLICO NO BRASIL	37
2.1 A chegada e difusão do fundamentalismo bíblico	37
2.1.1 A Chegada do Fundamentalismo Bíblico com as Missões Protestantes	37
2.1.2 A Difusão do Fundamentalismo Bíblico com o Movimento Pentecostal no Brasil	39
2.1.3 O Marco Referencial do Fundamentalismo Brasileiro nesse Contexto	41

2.2 Características do fundamentalismo bíblico no Brasil	42
2.2.1 Defesa da Bíblia como Único Fundamento	42
2.2.2 Aversão ao Aprofundamento Teológico	45
2.2.3 Alienação das Questões Sociais e Políticas	46
2.2.4 Proselitismo	47
2.3 Algumas consequências do fundamentalismo bíblico	49
2.3.1 Intolerância	50
2.3.2 Fanatização	51
2.3.3 Absolutização	52
3 IMPLICAÇÕES SOCIORRELIGIOSAS DO FUNDAMENTALISMO	
BÍBLICO	54
3.1 Implicações no modelo de igreja	54
3.1.1 Oposição à Modernidade	54
3.1.2 Conservadorismo	56
3.2 Implicações no modo de interpretar a bíblia	57
3.2.1 Interpretação Literal da Bíblia	57
3.2.2 Interpretação Escatológica e Apocalíptica	61
3.3 Implicações na vida pessoal, familiar e social dos adeptos.....	63
3.3.1 Implicações do Fundamentalismo Bíblico na Vida Pessoal	64
3.3.2 Implicações do Fundamentalismo Bíblico na Vida Familiar	67
3.3.3 Implicações do Fundamentalismo Bíblico na Vida Social.....	70
CONCLUSÃO	76
REFERÊNCIAS.....	84

INTRODUÇÃO

O tema desta dissertação é um recorte dentro de um fenômeno compreendido pelo conceito “Fundamentalismo”, que está presente em diversas correntes religiosas, políticas, intelectuais, e em todas as camadas sociais. Não se trata apenas de um fenômeno localizado ou tão somente circunscrito à propalada crise da Modernidade, senão como projeto de “autoterapia de uma cultura, que adoeceu da dúvida fundamental diante de si mesma”, uma vez que os fundamentos religiosos, morais e políticos dessa cultura ficaram estremecidos, e não se pode mais confiar na sua plausibilidade. (KÜNZLI, 1995, p. 65).

O Fundamentalismo religioso corrobora com esse fenômeno mais amplo, sobretudo por meio das chamadas Religiões do Livro (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo), que têm como fundamento textos concebidos como “sagrados”: a TANAK (*Torá, Nebiim e Ketubim*), na Religião judaica; a Bíblia, na Religião cristã; o Corão, da Religião islâmica.

Este trabalho, que se insere na linha de pesquisa “Tradição Judaico-Cristã, Cultura e Sociedade”, do Mestrado em Ciências da Religião da UNICAP, tem como foco o Fundamentalismo bíblico. Embora o fenômeno esteja presente em setores da Igreja Católica, a defesa da Sagrada Escritura como único fundamento é muito forte, sobretudo, nas Igrejas e Movimentos protestantes, que surgiram na América Latina e no Brasil, a partir das missões norte-americanas.

Como surgiu o Fundamentalismo bíblico? Quais os fatores que corroboraram para a vinda e difusão desse Fundamentalismo bíblico ao nosso continente e, de modo especial, ao Brasil? Quais as características próprias do Fundamentalismo bíblico brasileiro e que consequências sociorreligiosas podem ser percebidas em decorrência desse fenômeno?

Tais questionamentos foram trabalhados a partir da pesquisa bibliográfica em revistas acadêmicas e livros de autores que pesquisaram o fenômeno do Fundamentalismo e, de modo especial, do Fundamentalismo bíblico, de suas origens às consequências sociorreligiosas que apresenta na atualidade.

Dentre os autores consultados, no campo do Protestantismo, ressaltamos o Dr. Antonio Gouvêa Mendonça (1922-2007), que se tornou conhecido nos meios acadêmicos por seus estudos em Sociologia do Protestantismo e História Social, professor da Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, um dos iniciadores do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, daquela Instituição, e da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Teve livros lançados por editoras católicas e protestantes. Outro autor importante para a nossa pesquisa foi Prócoro Velasques Filho, falecido em 1990, que foi um dos pioneiros do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, da UMESP, com inúmeros livros e artigos sobre o Protestantismo no Brasil, inclusive em coautoria com Antonio G. Mendonça. Autores católicos também foram consultados no campo do Fundamentalismo, tais como o Padre Florêncio Galindo, que defendeu sua tese de doutoramento na Faculdade de Teologia dos Padres Jesuítas em Frankfurt, Alemanha, sobre o fenômeno das seitas fundamentalistas, obra que foi publicada com o mesmo nome pela Editora Vozes, em 1994; os conhecidos teólogos Leonardo Boff e Hans Küng; os biblistas Carlos Mesters, e Pedro Lima Vasconcelos (Prof. do Programa de Ciências da Religião, da PUC-São Paulo); bem como outros autores nas diversas áreas do conhecimento que nos ajudaram a entender as origens e o desenvolvimento do Fundamentalismo Bíblico Protestante, tais como Luis de Castro Campos Jr., Doutor em Ciências da Religião pela UMESP; o Doutor em Antropologia Social, Carlos Tadeu Siepierski; os norte-americanos, Colin Brown (teólogo) e Otto Maduro (filósofo e sociólogo da Religião).

A pesquisa bibliográfica aponta que o Fundamentalismo bíblico tem demonstrado grande incidência de pontos positivos e negativos na vida dos seus adeptos, que buscam soluções imediatas, ou de curto prazo, para problemas individuais. Retomando a dimensão da fé, tais pessoas se sentem seguras e em paz de espírito, na certeza de que Deus lhes fala diretamente por intermédio da Sagrada Escritura, consolando-as com promessas de cura e libertação dos seus problemas espirituais, conjugais, familiares, profissionais. A ideia de ser Jesus o seu Salvador e Senhor, transmite-lhes alegria interior e conforto espiritual.

De fato, como afirma o conhecido biblista católico, carmelita, Frei Carlos Mesters, a busca de segurança e de fundamentos não é ruim. Quando as mudanças que ocorrem no mundo chegam a destruir o quadro tradicional de referências, as pessoas, todos nós, sentimo-nos inseguros e vamos à busca de uma nova

segurança, de um fundamento mais sólido. Nunca se buscaram tanto os fundamentos da vida como hoje, pois nunca tivemos tantas mudanças em tão pouco tempo, em tão grande quantidade, em tantos níveis da vida e em tal profundidade como hoje. Nunca estivemos tão desligados dos fundamentos da vida: desligados da natureza, da realidade, do nosso passado, da nossa cultura, desligados de nós mesmos e do fundamento último que é Deus. “Como buscar e encontrar os fundamentos da vida?” Essa é a questão. (MESTERS, 2007, p.93).

Contudo, o Fundamentalismo religioso e, de modo especial, o Fundamentalismo bíblico protestante, conforme demonstramos pela pesquisa bibliográfica ao longo deste trabalho, tem causado problemas psicológicos e desajustes sociais nos seus adeptos, que interferem na convivência com os demais, dentro e fora da família. Tais pessoas também demonstram crescente intransigência, autoritarismo, conservadorismo e alienação socioeconômica e sociopolítica. Sem dúvida, este estudo é relevante e ainda pouco pesquisado no meio acadêmico, pois se trata de uma postura religiosa significativa em nossos dias.

Para entender esse fenômeno hodierno e suas implicações sociorreligiosas, faz-se necessário rever o surgimento, o desenvolvimento e a difusão do Fundamentalismo bíblico no decurso da história. É justamente nesses limites que abordaremos o tema desta Dissertação, sem a pretensão de esgotá-lo, dada à sua complexidade. O conteúdo está apresentado em três capítulos interligados.

No primeiro, intitulado Fundamentalismo, procuramos apresentar diversos conceitos sobre o Fundamentalismo de um modo geral, sobre o Fundamentalismo religioso, até chegarmos aos conceitos sobre o Fundamentalismo bíblico, objeto do nosso estudo. No mesmo capítulo, também tratamos da origem e desenvolvimento do Fundamentalismo, com atenção especial para o Fundamentalismo que se desenvolveu no seio do protestantismo norte-americano, no século XIX e início do século XX.

No segundo capítulo, cujo título é o Fundamentalismo Bíblico no Brasil, dedicamos atenção especial à contextualização histórica desse Fundamentalismo, desde a sua chegada com as missões protestantes norte-americanas, até sua difusão com o advento do Movimento Pentecostal. Destacamos, também, as características do Fundamentalismo bíblico, tais como a apologia da Bíblia como único fundamento, a aversão a todo tipo de aprofundamento teológico e bíblico,

segundo critérios da pesquisa moderna, a alienação das questões sociais e políticas, bem como o forte proselitismo desses grupos.

No último capítulo da Dissertação, a que demos o título de Implicações Sociorreligiosas do Fundamentalismo Bíblico, tratamos das implicações sociorreligiosas do Fundamentalismo bíblico na atualidade, procurando entender suas pertencas e enquadramentos no seio da igreja, do ponto de vista pastoral, bem como as consequências disso no comportamento dos seus adeptos, do ponto de vista psicológico e psicossocial. O objetivo é apresentar, segundo estudos já realizados e apresentados em bibliografia especializada, os impactos positivo e negativo do Fundamentalismo na vida das pessoas e na vida social brasileira.

Para normatização desta Dissertação usamos os livros: Como Normatizar Trabalhos Acadêmicos: Projetos, Monografias e Artigos (COSTA, 2013), e Trabalhos Acadêmicos: Modelos, Normas e Conteúdos (REIMER, 2012).

Esperamos, dessa forma, contribuir para a retomada, continuidade e avanço na pesquisa sobre o Fundamentalismo bíblico no Brasil, demonstrando sua relevância para o campo epistemológico das Ciências da Religião, diante de sua significativa importância na área do ensino bíblico e na educação religiosa da sociedade brasileira.

1 FUNDAMENTALISMO

Neste primeiro capítulo, indo em busca de conceitos, procuramos apresentar o que se entende por Fundamentalismo, Fundamentalismo religioso e Fundamentalismo bíblico. Num segundo momento, faremos uma incursão na História do Fundamentalismo bíblico, em suas origens no século XIX e, por último, levantaremos alguns pontos que salientam a importância deste estudo para as Ciências da Religião.

1.1 EM BUSCA DE CONCEITOS

Indo à busca de conceitos, procuramos apresentar o que se entende por Fundamentalismo, de um modo geral, para adentrar aos conceitos de Fundamentalismo religioso e Fundamentalismo bíblico.

1.1.1 Fundamentalismo

O vocábulo “fundamentalismo” tem a ver com o que está no fundo, na base de algo: seu alicerce, raiz ou princípio. Chamou-se de “fundamentalistas” àquelas pessoas que sustentavam tais “crenças fundamentais”, e se pôs o nome de “fundamentalismo” ao seu movimento (MADURO, 2006, p. 220). O termo tem sua raiz no verbo “fundamentar”, “fundar”, que significa construir, erigir, edificar desde os alicerces, basear, consolidar. Daí, “fundamentar”, que é o mesmo que lançar os fundamentos de; estabelecer em bases sólidas; justificar.

O Fundamentalismo, portanto, tem a ver com a busca dos fundamentos. De um modo geral, pode-se afirmar que a busca dos fundamentos não é ruim. Quando as mudanças que ocorrem no mundo chegam a destruir o quadro tradicional de referências, as pessoas, todos nós, sentimo-nos inseguros e vamos à busca de uma nova segurança, de um fundamento mais sólido. Nunca se buscou tanto os fundamentos da vida como hoje, pois nunca tivemos tantas mudanças em tão pouco tempo, em tão grande quantidade, em tantos níveis da vida e em tal profundidade como hoje. Nunca estivemos tão desligados dos fundamentos da vida: desligados da

natureza, da realidade, do nosso passado, da nossa cultura, desligados de nós mesmos e dos fundamentos últimos da própria existência. (MESTERS, 2007, p.93).

Diante dessa busca, pode-se falar em fundamentalismos e/ou diversificadas experiências fundamentalistas. Por isso, do ponto de vista conceitual, o termo “fundamentalismo” vem sendo empregado em situações diversas, tanto no campo religioso, como nos campos político, econômico e técnico-científico. (WENZEL; ROSSI; WITTER, 2011, p.6).

De fato, a postura fundamentalista aparece em todos os sistemas (científicos, políticos, econômicos, culturais, religiosos) que se apresentam como portadores exclusivos de verdade e de solução única para os problemas; todos esses sistemas se inscrevem dentro daquilo que chamamos de “Fundamentalismo”. (BOFF, 2009, p.37).

O Fundamentalismo, portanto, não é uma doutrina, mas uma forma de interpretar e viver a doutrina. É assumir a letra das doutrinas e normas sem cuidar de seu espírito e de sua inserção no processo sempre cambiante da história, postura que exige contínuas interpretações e atualizações, exatamente para manter sua verdade originária. (BOFF, 2009, p. 49).

O fenômeno compreendido pelo conceito de “Fundamentalismo” tem como característica essencial proporcionar aos indivíduos desenraizados, fragilizados e inseguros, o apoio, os fundamentos materiais que lhe proporcionam a sensação psíquica de segurança. (TÜRCKE, 1995, p. 51).

O problema é que, segundo Flickinger (1995, p. 7), o fundamentalismo decreta certezas que são questionáveis. Desse modo, a base do fundamentalismo não é apenas contraditória em si mesma, mas explica, também, o motivo que levou esses movimentos a se imunizarem contra qualquer crítica desfavorável: a crítica iria atingir, necessariamente, a imposição irrefletida das pretensas verdades fundamentalistas. É esse o ponto nevrálgico e perigoso que impulsiona os fundamentalismos à intolerância e à violência contra seus oponentes.

Na mesma linha, afirma Leonardo Boff que, quem se sente portador de uma verdade absoluta, como os inseridos em movimentos fundamentalistas, não pode tolerar outra verdade, e seu destino é a intolerância, que gera o desprezo do outro, e o desprezo, a agressividade, a guerra contra o erro a ser combatido e exterminado. Irrompem conflitos ideológicos com incontáveis vítimas. (BOFF, 2009, p. 49-50).

O Fundamentalismo encontra campo fértil na Religião, em suas diversas expressões e instituições. É o que abordaremos a seguir.

1.1.2 Fundamentalismo Religioso

O Fundamentalismo encontra campo fértil na Religião. Trata-se de um fenômeno mundial que, segundo William E. Paden, não é difícil de interpretar sociologicamente. Ele surge tipicamente onde o ritmo da modernidade ameaça se tornar opressivo. A solução aparece na forma de um retorno ao absolutismo da Escritura e das Leis Divinas. Contra o caos da secularização, ele opõe a rocha da certeza, da inerrância e da autoridade sobrenaturais. Contra a ambiguidade da moralidade secular, ele lança os inequívocos significados dos fundamentos religiosos. Enquanto os ocidentais não fundamentalistas costumam pensar nesses movimentos como formas ingênuas de crença, a amplamente disseminada presença desses movimentos nas culturas modernas que enfrentam a secularidade mostra que o absolutismo doutrinário é, na realidade, concomitante à estratégia social de um grupo. Os fundamentalistas muçulmanos, judeus, hindus e budistas acreditam todos em absolutos diferentes, mas todos eles têm a função sociocultural similar de criar limites do passado à incontrolável promiscuidade do comportamento e pensamento modernos. (PADEN, 2001, p. 78).

Além disso, segundo Hans Küng, o sucesso do Fundamentalismo Religioso talvez ocorra porque “as religiões falam com uma autoridade absoluta. Essa autoridade não é expressa somente através de palavras e conceitos, doutrinas e dogmas, mas também através de símbolos e orações, ritos e festas, e isso de forma racional e emocional” (KÜNG, 1993, p.81).

Segundo o mesmo autor, as religiões possuem meios para moldar a existência humana, não somente de uma elite intelectual, mas também de amplos segmentos da população. E isso de uma forma historicamente experimentada, culturalmente adequada e individualmente concretizada. A Religião não pode possibilitar tudo, mas ela pode abrir e proporcionar um “mais” em termos de vida humana: 1. a Religião consegue transmitir uma dimensão mais profunda, um horizonte interpretativo mais abrangente face à dor, à injustiça, à culpa e à falta de sentido; 2. a Religião consegue garantir os valores mais elevados, as normas mais incondicionais, as motivações mais profundas e os ideais mais elevados; 3. por meio

de símbolos, rituais, experiências, objetivos comuns, a religião consegue criar uma pátria de confiança, da fé, da certeza, do fortalecimento do eu, do abrigo e da esperança; 4. a Religião pode fundamentar protesto e resistência contra situações de injustiça. Isso já é o desejo insaciável e atuante pelo “Totalmente Outro”. (KÜNG, 1993, p. 81-82).

Percebe-se, a partir daí, que todos esses pontos positivos da Religião, acima citados, podem levar as pessoas, influenciadas por grupos religiosos, ao Fundamentalismo, “segundo o qual a fé religiosa deve ser firmemente mantida na sua forma plena e literal, sem concessões, esmorecimentos, reinterpretações ou recrudescimentos”. (GELLNER, 1992, p. 13). Nessa perspectiva fundamentalista, dá-se ênfase à doutrina, e esta passa a ser fixada com rigor e de forma definitiva, o que pressupõe a escrita

Com a escrita, algumas religiões passaram a criar textos considerados sagrados, transformando-os em referencial para a formação dos seus adeptos. O problema é que esses textos podem ser estudados a partir de uma interpretação fundamentalista. No caso do Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, observamos a presença de um fundamentalismo muito forte, baseado em suas Sagradas Escrituras.

O Fundamentalismo bíblico é um exemplo claro disso que estamos tratando. É o que será abordado a seguir...

1.1.3 Fundamentalismo Bíblico

A característica principal do Fundamentalismo religioso é sua forma de interpretar seus textos considerados “sagrados”.

Na cultura islâmica, o Corão é a palavra direta de Deus; cada palavra, cada sílaba, provém imediatamente de Deus. Esse conceito quase idolátrico do livro é estranho à tradição cristã. No que tange à cultura religiosa judaico-cristã, a Bíblia é o livro sagrado porque transmite o básico da revelação de Deus, mas o centro da fé é Jesus Cristo em pessoa, ponto máximo dessa revelação, com tudo o que disse e fez, com sua vida, morte e ressurreição.

A leitura crítica da Bíblia a partir dos modernos métodos exegéticos é um procedimento necessário para uma hermenêutica atualizada dos Textos Sagados. Esse trabalho começou na Alemanha, no campo protestante, em meados do século

XIX, como consequência das escavações arqueológicas e dos avanços no terreno da história e das ciências naturais, e não tardou em invadir o campo católico, sobretudo na França. Seus pioneiros foram, no lado protestante alemão, Julius Wellhausen (1844-1912); no catolicismo francês, os dominicanos J. M. Lagrange (1855-1938), fundador da *Ecole Biblique* de Jerusalém (em 1890), e Roland de Vaux, seu sucessor na direção desse centro de estudos até os anos 60, e em Roma, o jesuíta (depois cardeal) Agostinho Bea. Todos eles sofreram forte oposição e perseguições; porém, os dois últimos puderam também saborear os frutos positivos de seu trabalho. (GALINDO, 1994, p. 285).

Apesar de todo o esforço acima citado, o Fundamentalismo não se interessa por uma compreensão crítica da Bíblia, mas tem como objetivo assegurar e tornar infalíveis determinadas ideias, posições e doutrinas preconcebidas e bem definidas, valendo-se da Bíblia. A exegese está destinada a confirmar com autoridade divina o que o movimento já havia fixado previamente como seus objetivos. Em outras palavras, a Bíblia foi rebaixada à condição de mero depósito de munição para a guerra ideológica contra o adversário teológico ou político, e para melhor armar-se ideologicamente, invocando Deus como aliado de sua causa. (GALINDO, 1994, p. 286-287).

O que está por trás dessa concepção, do ponto de vista histórico? É o que veremos a seguir, ao tratarmos das origens do Fundamentalismo bíblico.

1.2 AS ORIGENS DO FUNDAMENTALISMO BÍBLICO

Apresentamos, nesta segunda subseção do trabalho, as origens do Fundamentalismo bíblico.

1.2.1 O Berço do Fundamentalismo Bíblico

O Fundamentalismo bíblico tem suas origens nos Estados Unidos, especialmente entre os calvinistas que chegaram da Holanda e da Inglaterra, no

século XVII, denominados *Pilgrims*, Peregrinos¹, expulsos de seus países de origem por volta de 1620, por exigirem reformas no Cristianismo. (BOFF, 2009, p. 9).

No final do século XIX e princípio do século XX, o Fundamentalismo ressurgiu, nos Estados Unidos, de forma mais organizada. Após a guerra civil de 1861-1865, em que norte e sul se combateram ferozmente, eram muitas as carências sociais. A guerra deixou cidades inteiras em ruínas, famílias despedaçadas e os brancos do sul revoltados; os estados do norte conheceram a rápida e dolorosa transição de uma sociedade agrária para uma sociedade industrializada. Novas cidades foram construídas, velhas cidades cresceram demasiadamente. Levas e levadas de imigrantes, procedentes do sul e do leste da Europa, desembarcaram no país. Capitalistas fizeram fortunas imensas, com ferro, petróleo e aço, enquanto os operários viviam abaixo do nível de subsistência. Os Estados Unidos estavam tornando-se um país sem alma (VASCONCELOS, 2008, p. 20-21).

Foi nesse contexto que protestantes das mais diversas filiações se uniram em torno de ações voluntárias, de cunho assistencialista, em presídios e fábricas, entre outros espaços. Para alguns, tais ações expressavam a caridade cristã e em nada comprometiam a adesão tradicional aos dogmas e, principalmente, em nada modificavam a relação com as Escrituras. No entanto, para outros, tal ativismo apontava para uma modalidade diferente de prática religiosa, o que evidenciou uma divisão que já vinha ocorrendo entre protestantes conservadores e liberais. (VASCONCELOS, 2008, p. 21-22).

Defendiam os liberais que a Religião Cristã deveria manifestar-se pelas ações humanitárias que evidenciassem os valores de fraternidade expostos no Evangelho, o amor a Deus seria mostrado no serviço ao próximo. Não eram necessárias liturgias ou Escrituras, e os cristãos deveriam abdicar de sua pretensão ao monopólio da verdade. Além disso, os liberais eram sensíveis aos influxos decorrentes do que então era chamado “Crítica Superior”, ramo da Ciência Bíblica

¹ Peregrinos (em inglês: *Pilgrim Fathers* ou simplesmente *Pilgrims*) é o nome dado aos primeiros colonos ingleses, que eram calvinistas, e que se estabeleceram na Nova Inglaterra, região que veio a ser o embrião dos Estados Unidos, em 1620. Em torno dessas famílias originais, do fervor de suas crenças e de seus valores étnicos e morais, a nova nação foi sendo construída. Para saber mais sobre esse e outros grupos colonizadores norte-americanos: Reinaldo Seriacopi, Gislane Azevedo, *História*, (Série Brasil) São Paulo, Editora Ática, 2005.

muito em voga no século XIX, particularmente na Alemanha, preocupado em datar os textos bíblicos, situando-os ao longo da história de Israel e do Cristianismo dos séculos I e II, estabelecer suas fontes e autores, identificar seus gêneros literários, relacioná-los uns com os outros e com Tradições Religiosas e literárias semelhantes. Seminários e Faculdades aderiram às novidades da pesquisa bíblica, entre os quais os de *Harvard, Yale e Princeton*. (VASCONCELOS, 2008, p. 22-24).

Protestantes conservadores reagiram a essas concepções liberais, combatendo-as como um perigo à fé cristã. Em 1883 surge a primeira série de conferências de verão, que se estenderiam até 1895, no acampamento bíblico *Niagara Falls*, que congregavam teólogos britânicos, estadunidenses e canadenses, em torno de postulados que contestavam de frente as interpretações advindas da crítica histórica aplicada à Bíblia. Nesse ínterim, várias instituições surgiram em contraposição aos liberais. Em 1895, no final do encontro no acampamento bíblico *Niagara Falls*, foram definidos os cinco princípios ou fundamentos do protestantismo conservador, que se tornou um marco no estabelecimento fundamentalista. Esses princípios reapareceram em 1910, assumidos por teólogos das mais diversas confissões protestantes, e alcançaram enorme repercussão. (VASCONCELOS, 2008, p. 24-26).

É o que veremos a seguir, ao tratarmos dos principais pressupostos do Fundamentalismo.

1.2.2 Pressupostos do Fundamentalismo

Os pressupostos do Fundamentalismo, definidos no final do encontro (ou acampamento bíblico) de *Niagara Falls* (1895), apresentam os cinco princípios ou fundamentos do protestantismo conservador: (1) a infalibilidade das Escrituras; (2) a divindade de Cristo; (3) o nascimento virginal de Jesus; (4) a remissão dos pecados da humanidade pela crucificação de Jesus; (5) a ressurreição de Jesus como fato objetivo e a certeza de seu retorno no fim dos tempos. (VASCONCELOS, 2008, p. 26-28).

Vejamos cada um desses fundamentos, a partir do que comentam Ronald D. Witherup (2004, p. 31-32) e Pedro Lima Vasconcelos (2008, p. 26-28):

1. O principal pressuposto do programa fundamentalistas é a convicção de que a Bíblia é inerrante em tudo quanto ensina. Como palavra de Deus, inspirada pelo

Espírito Santo, não pode conter erro de espécie alguma. Retoma-se o princípio básico da Reforma Protestante, que apresenta a Bíblia como norma suprema da fé e prática (*Sola Scriptura*). Trata-se de uma oposição explícita à perspectiva teológica liberal;

2. a divindade de Cristo. O dogma fundamental defendido pelos conservadores afirma que Jesus Cristo era Deus, e não apenas um homem que fora divinizado pelos seus discípulos, como defendiam os liberais;

3. o nascimento virginal de Jesus. Com base nos Evangelhos, Jesus foi gerado no ventre de Maria sem a participação de um pai humano; o hímen de Maria não se rompeu quando do nascimento de seu filho. Tal posição se estenderia aos diversos milagres que Jesus operou. Contestam-se, desse modo, os liberais, que alegavam serem tais narrativas apenas expressões mitológicas de valores religiosos subjetivos;

4. a remissão dos pecados da humanidade pela crucificação de Jesus. Por seu sofrimento e morte na cruz, Jesus Cristo fez a expiação substitutiva da pena para a pecabilidade humana. A morte de Jesus, segundo a interpretação fundamentalista de Jo 1,29, ocorreu como sacrifício expiatório. Com isso se explicita a oposição a uma postura teológica que via na morte de Jesus o desfecho trágico de uma vida de fidelidade a princípios e valores morais;

5. a ressurreição de Jesus como fato objetivo e a certeza de seu retorno no fim dos tempos. A proclamação do retorno iminente de Jesus para julgar os pecadores e levar seus fiéis para a glória sem fim dava ao movimento fundamentalista, desde seus inícios, um evidente aspecto apocalíptico.

Segundo Galindo (1994, p. 168-169), esses fundamentos formam um consenso mínimo que se contrapõe à Crítica Bíblica moderna, à Teologia Liberal e ao reformismo do Evangelho Social, que eram os motivos originais de toda a controvérsia entre conservadores e liberais. Tratava-se de lutar contra tudo e contra todos os que eram causa de preocupação para os protestantes tradicionalistas, sobretudo nas Igrejas Batista e Presbiteriana dos Estados do Norte; de fazer com que os Estados Unidos recuperassem sua identidade cristã bíblica, que muitos evangélicos acreditavam estar perdida.

Esses pressupostos fundamentalistas, acima citados, sobre os quais não caberia nenhum tipo de negociação ou concessão, reapareceram em 1910, assumidos por teólogos das mais diversas confissões protestantes, e que alcançou

enorme repercussão. Naquele ano, estendendo-se até 1915, foi publicada uma série de panfletos intitulados *The Fundamentals – A Testimony to the Truth* (Os Fundamentais – um testemunho em prol da Verdade). A obra foi financiada pelos irmãos Lyman e Milton Stewart, empresários do ramo do petróleo (VASCONCELOS, 2008, p. 30). Eles, com outros homens do petróleo e fazendeiros que apoiavam generosamente os fundamentalistas, consideravam a sua ajuda econômica como um investimento lucrativo contra o Evangelho Social. (GALINDO, 1994, p. 168).

Portanto, com a obra *The Fundamentals*, os conservadores propunham um Cristianismo extremamente rigoroso, ortodoxo, dogmático, como orientação contra a avalanche de modernização de que era tomada a sociedade norte-americana. Não só modernização tecnológica, mas modernização dos espíritos, do liberalismo, da liberdade das opiniões, contrastando fundamentalmente com a seguridade que a fé cristã sempre oferecera. Ainda hoje, especialmente nas Instituições de Ensino do sul dos Estados Unidos onde há Ensino Religioso, as aulas de História e de Biologia podem refletir o mais elevado evolucionismo, enquanto que as aulas de Religião seguem o mais estrito fundamentalismo (BOFF, 2002, p. 12-13).

Esses conservadores passaram a ser chamados de “fundamentalistas” só a partir de 1920, quando, segundo Witherup (2004, p. 27), “um jornalista batista do norte, de nome Curtis Lee Laws, cunhou o termo “fundamentalista” com referência àqueles que aderiram a essas doutrinas religiosas fundamentais, e um grupo batista assumiu o rótulo como uma autodesignação”.

Em suma, os conservadores protestantes foram-se configurando como fundamentalistas a partir do confronto com os protestantes liberais. É o que apresentamos em mais detalhes a seguir.

1.2.3 As Controvérsias dentro do Protestantismo

Para se compreender melhor esse confronto dentro do Protestantismo, que está na origem do Fundamentalismo, há de se reportar às correntes de pensamento filosóficas e teológicas conflitantes, que faziam parte do cenário protestante, num quadro que vai dos fins do século XVIII ao princípio do século XX.

1.2.3.1 As Bases Filosóficas e Teológicas do Liberalismo Protestante

Quem primeiro demonstrou claramente os efeitos contraditórios do emprego da Filosofia no campo da reflexão teológica e da Religião foi o filósofo prussiano Emmanuel Kant (1724-1804).

De origem protestante, o filósofo teve influência do pietismo luterano de tendência mística e pessimista, por intermédio de sua mãe e de vários de seus mestres. (VERGEZ; HUISMAN, 1998, p.258). Talvez por conta dessa formação inicial, Kant dedicou-se à tarefa original de investigar sobre a possibilidade de uma ciência metafísica.

De Platão (428-347 a.C) a Descartes (1596-1650), todos os filósofos racionalistas e/ou idealistas afirmaram a serena e confiante certeza na capacidade da razão humana de conhecer as verdades metafísicas. Kant, depois que afirma ter despertado do sono dogmático de procedência racionalista, entende que o ato de filosofar (a partir da razão ou da experiência) deve ser precedido por um exame crítico que permita estabelecer o que a razão pode e o que não pode afirmar. Por estar Deus além da experiência, que define o horizonte e os limites do conhecimento humano, sua existência não pode ser provada. (STACCONE, 1991, p. 78-82).

Desse modo, segundo Batista Mondim, para Kant, a Filosofia não pode prestar qualquer auxílio à Teologia e à Religião, pois ela sequer pode demonstrar a existência de Deus. Esta só pode ser alcançada seguindo as exigências práticas da moral. Para o autor Mondim, o filósofo Kant, em sua obra "A religião nos limites da simples razão", faz uma interpretação racionalista da revelação cristã, na qual todos os elementos dogmáticos são reduzidos a simples símbolos. Assim, por exemplo, o Senhor Jesus seria o símbolo da luta da humanidade contra o mal e de sua vitória sobre ele. (MONDIM, 1979, p. 8).

O protestantismo liberal, por meio de sua teologia do século XIX, inspirou-se nesse princípio de Kant, que pode ser compreendido em dois pontos: a) a remoção da Religião da esfera especulativa; b) a redução do Cristianismo aos limites da Razão. Partindo desses princípios, os racionalistas filósofos Schleiermacher, Hegel, Feuerbach, Nietzsche, e os racionalistas histórico-filológicos Strauss, Baur, Ritschl e Harnack tendem para a secularização total do Cristianismo. (MONDIM, 1979, p. 9).

Os filósofos racionalistas

Friedrich Schleiermacher (1768-1834), filósofo e teólogo protestante alemão, é considerado o pai do protestantismo Liberal por ter sido o primeiro a elaborar uma nova Teologia, partindo dos postulados de Kant. Em virtude de tais postulados, transfere a Religião da esfera da Razão para a do sentimento, e reduz os dogmas a simples expressões dos sentimentos comuns de um povo em relação à Divindade. (MONDIM, 1979, p. 9).

No que se refere à Bíblia, Schleiermacher sentia que já não podia tratar a Bíblia como uma narrativa de intervenções divinas e como uma coletânea de pronunciamentos divinos. Era, no entanto, um registro da experiência religiosa, e foi essa ideia da experiência religiosa a chave a que o autor se apegou. A essência da Religião não era nem os atos, nem o conhecimento, mas, sim, algo que os dois tinham em comum. (BROWN, 2007, p. 98).

Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), filósofo alemão, faz oposição aos dois, Kant e Schleiermacher, levando a Religião ao domínio da Razão. A Religião é essencialmente pensamento, tal qual a Filosofia, mas o pensamento em forma de imagens, símbolos, metáforas. Esse retorno à razão implicaria uma volta à secularização. No que se refere à Bíblia, numa de suas primeiras obras, sobre a vida de Jesus, Hegel já reduzira Jesus a um bom moralista que praticava perfeitamente a moral do imperativo categórico². (MONDIM, 1979, p. 10). Nas obras mais maduras, Hegel não vê no dogma da Encarnação e da Redenção outra coisa senão a realização completa da autoconsciência divina, concretizada no espírito humano. Desse modo, não se deve dizer que Deus está acima de nosso mundo e além dele, mas, sim, que é imanente, presente no mundo. A encarnação seria, portanto, uma manifestação específica do Espírito de Deus num humano específico. (BROWN, 2007, p. 106).

A Filosofia Liberal torna-se ainda mais crítica contra as tradicionais concepções da Religião Cristã com Feuerbach e Nietzsche. O filósofo alemão Ludwig Feuerbach (1804-1872), contrapondo-se a Hegel, afirma que são as ideias que conduzem o mundo. As ideias não passam de produtos da consciência humana e todas as ideias, inclusive a ideia de Deus, explicam-se a partir do ser humano.

² Imperativo Categórico, termo criado por Kant, talvez por analogia com o termo bíblico “mandamento” (ABBAGNANO, 2000, p. 545, verbete “imperativo”), que consiste na norma da razão que leva a agir conforme os princípios que a pessoa quer que todos os seres humanos sigam, realizando para o outro o que deseja para si mesmo, conforme Mt 7,12

Desse modo, chega a afirmar que Deus não é senão uma projeção imaginária do ser humano. (VERGEZ; HUISMAN, 1988, p. 306-307). Assim, Feuerbach sustenta que a ideia de Deus como Pai nasce da exigência de segurança sentida pelos seres humanos; a ideia de Deus feito carne exprime a excelência do amor pelos outros; a ideia de um Ser perfeitíssimo surge para apresentar ao humano aquilo que deveria ser, mas que, na realidade, nunca consegue se tornar; a ideia de uma vida futura, outra coisa não é que a fé na vida terrestre, não como ela é, mas como deveria ser. (MONDIN, 1979-1980, p. 10-11).

Segundo Giuseppe Staccone, Friedrich W. Nietzsche (1844-1900), filósofo alemão de origem protestante (seu pai era pastor), na linha desse Liberalismo Filosófico, chega a afirmar, literalmente, “Deus morreu”. A morte de Deus exalta o protagonismo do ser humano no mundo e na história. Se Deus não existe, o ser humano está condenado a ser livre e, dessa maneira, inventar sua essência humana, seu projeto de vida e de humanidade, a criar-se e recriar-se como homem. (STACCONE, 1991, p. 251-253) Estamos, nesse ponto, no auge do liberalismo filosófico, que tem como berço principal a Alemanha do século XIX.

Os racionalistas histórico-filológicos

A Filosofia racionalista deixa suas marcas na Teologia Protestante alemã, que seguirá a linha do Liberalismo.

O teólogo e exegeta alemão David F. Strauss (1808-1874), discípulo de Hegel, torna-se conhecido após a publicação, em 1835/36, da obra “Vida de Jesus”, que causou escândalo e uma avalanche de críticas e refutações na Alemanha, por interpretar passagens da vida de Jesus por meio do conceito de mito, já comum na pesquisa do Antigo Testamento. Strauss vê o mito em todas as partes dos evangelhos em que as leis da natureza são invalidadas, as tradições se contradizem ou motivos difundidos na história das religiões, especialmente do Antigo Testamento, são transferidos a Jesus. Ele não chega a questionar que as narrativas possam conter memória histórica, mas não está interessado nisso; a ele importa somente demonstrar a onipresença do mito. As narrativas a-históricas dos Evangelhos não se devem a uma fraude deliberada, mas a um processo de imaginação mítica. (THEISSEN; MERZ, 2002, p. 22).

Ferdinand C. Baur (1792-1860), seguidor da Filosofia hegeliana, aplica ao Novo Testamento a doutrina do contínuo transformar-se e desenvolver-se da Ideia

universal através da série indefinida de teses e antíteses que desembocam na síntese conclusiva. Para ele, o Cristianismo, seria uma fase transitória do devir religioso da humanidade. Jesus Cristo inaugurou tal fase aderindo à ideia religiosa elaborada nos séculos anteriores, e tornando-a capaz de conquistar o mundo, conectando-a ao messianismo judaico. O esforço ulterior da ideia religiosa para libertar-se da forma especial que lhe foi impressa pelo fundador resume toda a história da Religião Cristã. (MONDIM, 1979, p. 11).

Albrecht Ritschl (1822-1889), teólogo alemão discípulo de Baur, procura levar o Protestantismo para uma abordagem histórico-crítica mais profunda, com o intuito de colocar a genuína concepção do Evangelho a salvo de toda forma de misticismo, tanto pietista como romântico. Para Ritschl, o homem Jesus incorporou a ética do amor, defendido pelo liberalismo teológico como a essência da fé. O ponto central do ensinamento de Jesus era o Reino de Deus e sua ética, a organização da humanidade por meio da ação baseada no amor. (ECKMAN, 2005, p. 90). Fundando-se num conceito de Deus, oriundo do Evangelho e baseando-se em algumas ideias principais de Lutero, Ritschl procurou eliminar a decadente herança filosófico-religiosa da Antiguidade, salvando na doutrina da Religião Cristã somente aquilo que se referia à fé em Deus como Pai de Jesus Cristo. Ritschl desvalorizava toda diferença confessional, o dogma e as tradições da Igreja, e reduzia a fé cristã a um puro empenho moral, comprometido apenas com o Evangelho (MONDIM, 1979, p. 11).

Essas também são as conclusões do discípulo de Ritschl, Adolf Von Harnack (1851-1930), último e máximo representante do Protestantismo Liberal. Ele foi um dos maiores historiadores do Cristianismo, em especial, de suas origens. Durante algumas décadas, também exerceu uma enorme influência como teólogo. Sua obra-prima é a História dos Dogmas. Em seus estudos sobre o Cristianismo, entendia que o Método Histórico-Crítico, elaborado pela ciência no século XIX, era um instrumento maduro e indispensável para a interpretação da Revelação. Considerava que não poderia haver interpretação séria da sagrada Escritura e da Tradição fora da interpretação científica. Mas, seguindo esse caminho, também chega, como Strauss e Ritschl, a eliminar da vida de Jesus tanto os milagres quanto os dogmas. Segundo Harnack, os dogmas seriam fruto da helenização do Cristianismo (influência da Cultura Grega), ao passo que os milagres seriam produto

da mentalidade mágica e supersticiosa dos primeiros discípulos. (MONDIM, 1979, p. 11-12).

1.2.3.2 Reação dos Conservadores Protestantes ao Liberalismo

Em reação a essa tendência de secularização total do Cristianismo (Liberalismo) promovida pelo racionalismo filosófico e pelo racionalismo histórico-filológico protestante (que passou a interpretar a Bíblia como um texto literário, produto de um contexto histórico), outros filósofos e teólogos protestantes se insurgiram, com o intuito de deter a vaga racionalista então em curso. Como exemplo, podemos citar Kierkegaard e Kähler.

Sören Aaby Kierkegaard (1813-1855), dinamarquês, de família luterana, foi um filósofo que fez duras críticas ao racionalismo de Hegel. Para ele, a verdade não é alguma coisa objetiva que possa ser colocada em pratos limpos. Somente pode ser descoberta de modo pessoal e subjetivo, num curso de uma autoanálise longa e às vezes dolorosa. Para ele, a única salvação é a subjetividade, isto é, Deus, como subjetividade infinita e irresistível. Kierkegaard afirma que os resultados da pesquisa histórica são incertos, e de qualquer forma não ajudam realmente. O que importa, pois, é a escolha subjetiva, o salto de fé, o comprometimento com o absoluto. (BROWN, 2007, p. 110-111). Com isso, o filósofo proclamava a infinita diferença qualitativa que separa Deus do ser humano: um existente particular, incapaz de ver as coisas em sua dimensão mais profunda, enquanto Deus é infinito e eterno. Evidencia, assim, a precariedade da existência humana, a paradoxalidade da fé e a incompreensibilidade da Revelação. A fé é um risco: “sem risco não há fé e quanto maior o risco, maior é a fé”. Para o crente, a razão só serve para estabelecer que é necessário crer contra a razão. (MONDIM, 1979, p. 12).

Enquanto o protesto de Kierkegaard se dirige contra os filósofos, o de Martin Kähler (1835-1912) teve por alvo os historiadores. Ele contesta o Método Histórico-Crítico, e criou argumentos para fortalecer a distinção entre o Jesus histórico e o Cristo da fé. Sem colocar em dúvida a efetiva realidade dos acontecimentos narrados pela Escritura, ele os aborda com a convicção de entrar em contato com o testemunho que ela presta ao Filho de Deus, crucificado e ressuscitado, ao Cristo centro da fé e vida do mundo, bem diferente daquela figura mesquinamente

redimensionada pela chamada crítica histórica, que tornou conhecida como o Jesus da história. (MONDIM, 1979, p. 12-13).

Contudo, tanto a tentativa de Kierkegaard como a de Kähler não foram suficientes para deter a onda secularizadora até aquele momento. Surge, então, o importante teólogo protestante alemão Karl Barth.

Karl Barth (1886-1968) foi criado na ala protestante liberal. No entanto, afastou-se do Liberalismo teológico e abraçou uma interpretação mais ortodoxa e reformada do Cristianismo. (ECKMAN, 2005, p.91). Logo após a Primeira Guerra Mundial, retomando Kierkegaard, denunciou vigorosamente todas as tentativas de amordaçar a Palavra de Deus com a Razão. Contra um cientificismo ingenuamente triunfal e um racionalismo seguro de si, Barth afirmou que todo conhecimento provém de Deus, o “Totalmente-Outro”. Essencialmente enfraquecido em sua unidade originária, o ser humano, segundo Barth, não pode mais alcançá-lo com suas forças; ao contrário, tudo aquilo que é humano, razão, filosofia, cultura, religião, encontra-se em substancial oposição a Ele. Somente pelo sacrifício de Jesus Cristo é que essa oposição é superada e a unidade restabelecida (MONDIN, 1979, p.13).

Essa reação de Barth contra a Teologia Liberal Protestante vem expressa na parte introdutória do seu célebre comentário à Epístola aos Romanos. Essa obra impôs ao movimento teológico protestante uma virada decisiva, colocando-o nos trilhos da Ortodoxia, ou seja, ensinamentos considerados autênticos dos fundadores do protestantismo, Lutero e Calvino. O Movimento teológico iniciado por Barth é conhecido como Neo-ortodoxia, ou Teologia da crise, ou ainda Teologia dialética. (MONDIN, 1979, p. 13; GIBELLINI, 1998, p. 20).

Com Barth, a reação protestante conservadora ganha força contra as tendências liberais. As controvérsias dentro do Protestantismo europeu, sobretudo alemão, difundem-se por muitos outros países com o surgimento das missões modernas, inclusive nos Estados Unidos. Ali, as controvérsias serão cada vez mais acirradas, como veremos adiante, dando margem para o surgimento e desenvolvimento histórico do Fundamentalismo bíblico.

1.3 O DESENVOLVIMENTO DO FUNDAMENTALISMO BÍBLICO

As controvérsias entre Conservadores e Liberais, dentro do Protestantismo, atingem, no século XIX, o Protestantismo norte-americano. Nesse ambiente de crise, nasce e se desenvolve aquilo que conhecemos, hoje, como Fundamentalismo. Segundo Galindo (1994, p. 170), isso ocorreu em várias etapas: 1ª) conflito intelectual-religioso dentro do evangelicalismo; 2ª) luta para impor-se como movimento social nas instituições oficiais, sobretudo na educação; 3ª) reorganização, caracterizada por rompimento com as Igrejas Históricas Tradicionais e divisão interna; 4ª) nova fase de mobilização militante. Vejamos, em mais detalhes, cada uma dessas etapas.

É o que vamos trabalhar neste trecho do nosso trabalho.

1.3.1 Primeira Etapa: Conflito Teológico (Final do Século XIX até 1918).

No século XIX, quase todas as Igrejas Protestantes históricas dos EUA (Episcopal, Metodista, Presbiteriana e Batista) consideravam-se “evangelicais”, porém professavam uma escatologia pós-milenarista, ou seja, acreditavam que o protestantismo levaria ao milênio de paz predito pelo Apocalipse. O mundo iria melhorando pouco a pouco, e logo ocorreria o retorno de Cristo. A controvérsia fundamentalista surge nesse ambiente como reação contra as correntes intelectuais críticas, antes mencionadas, reunindo tanto as doutrinas mais tradicionais do evangelicalismo quanto os últimos avanços do revivalismo do século XIX. Eram estes: no aspecto organizativo, a fundação de conferências e institutos bíblicos em várias cidades dos EUA para a formação de pessoal ativo do evangelicalismo; no aspecto teológico, a teoria do “dispensacionalismo”, uma variante do pré-milenarismo que, segundo seus autores, oferece um esquema adequado para se interpretar toda a história da humanidade a partir da Bíblia e de acordo com o princípio da inspiração verbal. (GALINDO, 1994, p. 171).

Trata-se, como vemos, de um conflito entre teólogos evangelicais conservadores e liberais, dos Estados do Norte, em torno de questões como: 1) a evolução; 2) a inerrância da Bíblia; 3) a decisão entre as posições teológicas escatológicas pós e pré-milenaristas.

Conservadores e liberais estavam de acordo em condenar como “apostasia” a teoria da evolução, primeiro ponto acima citado. A polêmica centrava-se nos outros dois pontos. Todavia, segundo relata Galindo, um conhecido professor metodista, o Dr. S. P. Cadman, afirmava, durante um encontro em Nova York (no ano de 1899), com aplauso de várias centenas de ministros metodistas, que “a absoluta inerrância e a infalibilidade da Bíblia já não podem ser defendidas por homens racionais. A metade do A.T. é de autores desconhecidos, e o N.T. contém contradições”. Afirmações como essas, influenciadas pelos estudos propalados pelo Método Histórico-Crítico, aplicado aos estudos da Bíblia, foram fortemente criticadas por outros professores metodistas, nos primeiros anos do século XX. (1994, p. 171-172).

Estamos, portanto, no auge e apertos do primeiro fundamentalismo. De 1910 a 1915, três milhões de cópias grátis de uma série de panfletos, em doze volumes, intitulados *The Fundamentals – A Testimony to the Truth* (“Os Fundamentais – um testemunho em prol da verdade”), tratando de dezenas de temas doutrinários (derivados das cinco crenças fundamentais), foram distribuídos gratuitamente entre pastores protestantes de língua inglesa no mundo inteiro. Em 1920, os cinco pontos já se tinham tornado o centro de convergência de uma multiplicidade de grupos e pessoas no seio das igrejas batistas, presbiterianas, e os Discípulos de Cristo, radicalizando controvérsias e divisões nessas e em outras igrejas. A partir de então, fundamentalistas e fundamentalismo transformam-se em termos cada vez mais polêmicos. Por um lado, enquanto os cristãos fundamentalistas cresciam em número, influência e beligerância, os cristãos “liberais” ou “modernistas” começaram a utilizar cada vez mais o termo “fundamentalismo” em um sentido negativo, pejorativo, depreciativo. (MADURO, 2006, p. 223).

Em 1918, um professor de Novo Testamento, da Universidade de Chicago, falava do pré-milenarismo como de um vírus que havia sido injetado nas veias de numerosas pessoas em várias denominações, e acrescentava que seria negligência traidora ignorar o prejuízo causado pela propaganda pré-milenarista numa época em que a América faz esforços gigantescos para tornar o mundo capaz de viver a democracia. Os pré-milenaristas, sem dúvida, não consideravam sua posição como pessimismo ante o futuro do mundo; simplesmente estavam convencidos de que a Bíblia já descrevia esse futuro, e eles apenas tentavam conformar sua atitude à profecia bíblica. (GALINDO, 1994, p. 172).

1.3.2 Segunda Etapa: Movimento Social Conservador (de 1918 a 1930).

Em 1918 o conflito passa do terreno teológico para o social, e adquire caráter militante. Os fundamentalistas, que incluíam também pós-milenaristas e pré-milenaristas, iniciam uma campanha conjunta contra a “apostasia doutrinal” (teoria da evolução e métodos críticos de interpretação da Bíblia), com a finalidade de tirar os “apóstatas” de qualquer cargo de responsabilidade pública, sobretudo do campo do ensino escolar, para “assim salvar a civilização americana cuja base é a Bíblia”. (GALINDO, 1994, p. 172-173)

Nesse contexto, o esforço fundamentalista foi combater o ensino das teorias evolucionistas de Charles Darwin, nas escolas norte-americanas. Seu famoso trabalho publicado em 1859 (*Origin of Species*), criou um debate acirrado diante da afirmação de que o ser humano descendeu dos primatas. Os fundamentalistas defendiam o ensino da teoria criacionista bíblica, expressa pelo livro do Gênesis, nos capítulos 1 e 2. (WITHERUP, 2004, p. 25).

A confrontação chegou a seu ponto culminante em 1925, no julgamento contra o jovem mestre de escola John T. Scopes, por ter violado uma lei do *Tennessee* que proibia ensinar o evolucionismo. Esse julgamento foi chamado, ironicamente, de “processo dos macacos”. (GALINDO, 1994, p. 173).

O julgamento contra Scopes foi coberto pela imprensa nacional e mundial, com vivo interesse da população. A defesa chamou para testemunhar, como especialista bíblico, o fundamentalista ex-congressista e ex-secretário de Estado, William Jennings Bryan, submetendo-o a um interrogatório claramente direcionado a ridicularizar publicamente as interpretações literais da Bíblia. O juiz pediu para que Bryan não testemunhasse mais e que suas declarações fossem apagadas dos documentos do julgamento. Scopes foi declarado culpado. Bryan morreu cinco dias depois. A publicidade negativa contribuiu, por um lado, para radicalizar o movimento fundamentalista e, por outro, para apresentá-lo diante do público como um movimento de militantes fanáticos, ignorantes, e intolerantes. (MADURO, 2006, p. 223-224).

O caso Scopes evidencia que o fundamentalismo estadunidense, desde seus primórdios, além de se articular em função de conflitos intraeclesiais com os grupos liberais, pretendia também interferir diretamente na cena social e política. Tal militância em favor de causas de motivação evidentemente religiosa, a que se

contrapunha às tendências liberalizantes da sociedade estadunidense, caracterizará os movimentos que, por analogia, seriam – com o tempo – qualificados de fundamentalistas. (VASCONCELOS, 2008, p. 34).

Outro cavalo de batalha dos fundamentalistas, para interferir nas cenas social e política, foi a luta pela oração nas escolas públicas. Esse ponto é particularmente importante, porque é representativo de uma convicção profunda dos fundamentalistas de que Deus é para ser louvado e reverenciado em toda parte. (SCHWEITZER, 1996, p.35).

1.3.3 Terceira Etapa: Decadência e Reorganização (de 1930 a 1957).

Após o processo contra John T. Scopes, em que foi julgado culpado por infringir as normas do Estado de Tennessee, Estados Unidos, ao ensinar a Teoria da Evolução de Darwin, o movimento fundamentalista atraiu a zombaria de muitos setores da sociedade. Scopes foi posteriormente absolvido, e os fundamentalistas ficaram no ostracismo por cerca de 20 anos. (GALINDO, 1994, p. 173).

Nesta etapa do processo histórico do Fundamentalismo, parte de seus seguidores distanciou-se das Igrejas e Associações de Igrejas que aceitavam em seu seio cristãos “liberais” ou “modernistas”; outros deixaram de chamar-se fundamentalistas, ainda mantendo algumas daquelas crenças fundamentais; e boa parte dos evangélicos afastou-se, por sua vez, dos fundamentalistas, vendo-os como beligerantes e intolerantes. A partir de então, desenvolveu-se, com frequência, uma tendência, especialmente fora dos meios pentecostais ou evangélicos, para identificar e confundir pentecostais, evangélicos e fundamentalistas. Além de nenhum desses três termos ter um significado universal, nem permanente, é primordial recordar que há os que se chamam de evangélicos, sem identificar-se como fundamentalistas, nem como pentecostais. Igualmente, há pentecostais que não compartilham a visão fundamentalista; e entre os que se qualificam como fundamentalistas, há os que rejeitariam ser classificados como evangélicos ou como pentecostais. (MADURO, 2006, p. 224).

A derrota, sem dúvida, foi apenas temporária, pois o Fundamentalismo aproveitou o recesso para robustecer-se internamente e reestruturar-se, tomando por base os princípios da tradição revivalista, e um crescente nacionalismo religioso, que se apresenta, então, como a alternativa ao liberalismo. O grande porta-voz

desse nacionalismo religioso foi Billy Sunday, que propagava a América como a única nação verdadeiramente cristã no mundo. Volta-se, então, a insistir em recuperar a América mediante a evangelização, e se exige o rompimento com os modernistas, liberais e moderados de todas as denominações. Nesse ínterim, Gresham Machen, a figura mais destacada do Fundamentalismo, depois do fracasso do julgamento de John T. Scopes, funda, com seu discípulo, Carl McIntire, em 1929 o *Westminster Theological Seminary*, na Filadélfia. Expulsos, ambos, da Igreja Presbiteriana, por causa de suas atividades sectárias, McIntire funda, em 1937, pouco depois da morte de Machen, a "*Bible Presbyterian Church*", como centro da facção radical, que adota, desde então, o nome de "fundamentalista", como bandeira contra os que se negavam a romper com suas respectivas denominações. Com sua nova Igreja, McIntire e seus amigos lançam a campanha "*Twentieth Century Reformation*", a verdadeira reforma protestante de hoje, pois, só eles se consideravam os representantes de Deus para salvar o cristianismo. Todos os demais são apóstatas, inclusive o *Federal Council of Churches* (FCC), a organização central das igrejas históricas americanas. A tese básica da campanha era: "Não queremos modernismo, pacifismo, nem comunismo! Queremos uma América livre, tal como propõe a palavra de Deus". (GALINDO, 1994, p.174).

A partir daí, o Fundamentalismo constará de duas correntes: uma, separatista e radical, guiada por McIntire, e conhecida, depois, como Fundamentalismo de extrema direita, ou ultrafundamentalismo, e a outra, moderada e conciliadora, que preferia chamar-se, simplesmente, de "evangélica". Esta tentava pôr um fim à polêmica e construir um evangelismo positivo. A divisão cristalizou-se na fundação de duas diferentes associações: o *American Council of Christian Churches* (ACCC), em 1941, para a ala fundamentalista, e a *National Association of Evangelicals* (NAE), em 1942, que reuniu os moderados e admitia os pentecostais e outros grupos de denominações mais tradicionais. Terminada a Segunda Guerra Mundial (1945), as duas associações intensificaram sua rivalidade, tentando uma conseguir hegemonia sobre a outra. (GALINDO, 1994, p.174-175).

Em 1948, foi fundado, em Amsterdã, o CMI – Conselho Mundial das Igrejas, durante uma reunião convocada para tal fim, da qual participaram 351 delegados de 147 Igrejas, de 44 países. A intenção era fazer dele um centro espiritual a serviço da unidade, mais do que uma superestrutura. Sua aparição foi recebida com hostilidade, tanto pelo ACCC como pela NAE, que viram no CMI um inimigo comum,

dado que, segundo eles, reunia em seu seio os liberais, membros de países comunistas, críticos do capitalismo e apóstatas militantes. Diante disso, McIntire e seus seguidores fundaram, também, em Amsterdã, o *International Council of Christian Churches* (ICCC), nas mesmas bases doutrinárias do ACCC. Ele deveria ser o polo oposto ao CMI, entendido como um instrumento de Moscou (comunismo) e uma organização anticristã. (GALINDO, 1994, p. 177).

1.3.4 Quarta Etapa: Renascimento e Militância Política (A partir de 1960)

Esta etapa situa-se, desde o início, dentro do esforço para acoplar interesses religiosos e políticos radicais de direita.

Na campanha presidencial de 1964, nos Estados Unidos, o conjunto ACCC – ICCC, no qual McIntire havia se destacado por sua hostilidade contra o católico e liberal Kennedy, carregou a bandeira do candidato ultraconservador, Barry Goldwater, antigo seguidor do senador McCarthy, também conservador. A partir dessa relação, o Fundamentalismo radical alcançará um rápido poderio econômico e cada vez mais participação nos assuntos de política mundial, de sorte que, em fins de 1964, sua influência no ambiente norte-americano ultrapassava, em muito, suas próprias fronteiras religiosas. (GALINDO, 1994, p. 181).

Com a derrota de Goldwater, em 1964, a Antiga Direita (AD), que lhe deu sustentação, entrou em declínio. Em agosto de 1974, surgiu, nos EUA, uma força política constituída por um grupo de dirigentes conservadores desiludidos com a velha elite liberal, representada pelos Kennedy, Ford, Rockefeller, a cujo estilo político, suave e tímido, atribuíam a decadência geral do país nos últimos anos. A essa força atribuiu-se o nome de Nova Direita (ND) e se propunha mobilizar a “maioria silenciosa” dos conservadores descontentes em torno de três ideias centrais: a economia capitalista, a preservação dos valores americanos tradicionais e um anticomunismo militante. Os dirigentes da ND não eram só protestantes, mas também elementos ultraconservadores das grandes religiões. Seu traço comum era uma atitude fundamentalista, que baseia seus pontos de vista numa interpretação autoritária dos livros sagrados, adere estreitamente a usos e perspectivas nacionalistas, e tem uma concepção apocalíptica do mundo. Com esse parentesco ideológico, os dirigentes da ND não tardaram em descobrir o potencial que o Fundamentalismo representava para sua causa. Assim, foi dada a Jerry Falwell, o

mais famoso pregador televisivo daquele momento, a tarefa de formar a nova organização. Em janeiro de 1979, ele fundou a Nova Direita Cristã, chamada também de *Moral Majority*. A primeira ação conjunta foi o apoio à candidatura presidencial de Ronald Reagan, em 1980. Falwell é considerado, por muitos, como continuador de McIntire. (GALINDO, 1994, p. 181-182; 187-188).

Durante as duas presidências de Ronald Reagan (1981-1989), pelo menos dois fatores importantes influenciaram o modo de entender-se o Fundamentalismo. Primeiro, os herdeiros da tradição fundamentalista nos EUA, por meio de alianças com outros setores religiosos e seculares, passaram a ser um setor cada vez mais influente, não só na vida religiosa, mas, também, nas esferas dos poderes político, econômico, educacional, cultural e militar de seu próprio país, e do resto do mundo. Segundo, o sequestro de vários norte-americanos, no Líbano, em 1985, pelo movimento muçulmano xiita Hezbollah (Partido de Deus), foi a ocasião para que um jornalista ampliasse o uso do termo “fundamentalismo”, referindo-se, dessa vez, não a cristãos com algum traço em comum com os fundamentalistas norte-americanos. A partir daí, fundamentalismo e fundamentalista são termos que passaram a ser usados para aludir ao Islã, ou, pelo menos, a certos grupos islâmicos. Isso foi fortalecendo ainda mais seu aspecto negativo, que o associa com qualquer grupo, religioso, ou não, que tenha as convicções de que possui a única verdade, de que tem uma missão grave e urgente de levar essa verdade ao restante da humanidade (se necessário pela força), de que se encontra acossado por forças inimigas, e que não tem sentido deter-se no diálogo e na reconciliação com os que pensam de modo diferente, já que esses são parte das forças do erro e do mal a derrotar. (MADURO, 2006, p. 224-225).

Concluindo, conforme demonstramos, até agora, neste primeiro capítulo, o Fundamentalismo Bíblico tem suas origens no movimento teológico protestante contra o liberalismo filosófico dos séculos XVIII e XIX, contra os modernos métodos de interpretação das Sagradas Escrituras, bem como contra o secularismo religioso e o darwinismo nas ciências naturais. No final do século XIX e começo do século XX, dentro das Igrejas protestantes norte-americanas, surge o movimento fundamentalista, que busca a renovação espiritual dos seus adeptos e a regeneração moral da sociedade, em meio ao avanço do materialismo científico, o utilitarismo ético e a ameaça do comunismo. Para tanto, em busca de fundamentos, recorre-se à Bíblia e à Teologia tradicional, rechaçando qualquer reflexão crítica.

O movimento fecha-se cada vez mais em seus pontos de vista, procurando alianças com pessoas e grupos que pensam de forma semelhante, por meio de Congressos e produção de material doutrinário. Muitas cisões ocorrem no seio das Igrejas Protestantes norte-americanas, que se dividem em diversas correntes. Superada uma fase de certa decadência social e política, na década de 1970 recebe um impulso decisivo com a aparição da Igreja Eletrônica (por meio da mídia de rádio e televisão) e, no terreno político, com a aparição da Nova Direita, notadamente durante a administração Ronald Reagan (1981-1989).

No próximo capítulo, veremos como o protestantismo fundamentalista chegou e se estabeleceu ao Brasil, a partir da chamada “Era Missionária”, movimento que teve início nos Estados Unidos, pela metade do século XIX, e se expandiu junto à população latino-americana. Seus pioneiros foram os presbiterianos e os metodistas. Esse movimento ganha impulso no final do século XIX, por meio das chamadas “Igrejas Livres”, que deram origem às Igrejas Pentecostais.

2 O FUNDAMENTALISMO BÍBLICO NO BRASIL

Como vimos no capítulo anterior, o Fundamentalismo bíblico surgiu e se desenvolveu nas Igrejas protestantes dos Estados Unidos. Esse protestantismo de cunho fundamentalista chegou ao Brasil por meio das missões norte-americanas e das chamadas Igrejas Pentecostais, a partir da segunda metade do século XIX e início do século XX.

Neste capítulo, apresentamos uma síntese desse contexto, para compreender as características do Fundamentalismo bíblico que foi sendo formado naquele cenário.

2.1 A CHEGADA E DIFUSÃO DO FUNDAMENTALISMO BÍBLICO

O Fundamentalismo bíblico chegou ao Brasil com as missões protestantes, provenientes dos Estados Unidos, no século XIX, e ganhou impulso com a chegada do movimento pentecostal, na virada do século XIX para o século XX. Vejamos, a seguir, como isso ocorreu.

2.1.1 A Chegada do Fundamentalismo Bíblico com as Missões Protestantes

Antes do século XIX, não houve missões protestantes na América Latina porque os países católicos, que colonizaram esse continente, Espanha e Portugal, envolvidos na Contrarreforma, se propuseram a organizar o Novo Mundo, evitando que nele se reproduzisse a ruptura religiosa e política que a Reforma de Lutero havia causado na Europa. Daí porque, durante a época colonial, só se conhecem tentativas esporádicas de infiltração daquilo que ficou conhecido como “Protestantismo de Invasão”, tentativas que não conseguiram prosperar. (GALINDO, 1994, p. 207).

Dessa forma, a partir do século XIX, é possível distinguir dois tipos de Protestantismo basicamente diferentes: o Protestantismo de Imigração e o Protestantismo de Missão.

O Protestantismo de Imigração é o que foi trazido pelos grupos de imigrantes dos países europeus. Suas Igrejas não tinham pretensões missionárias e

se limitavam a satisfazer às necessidades religiosas dos imigrantes (“Igrejas Transplantadas”). As primeiras comunidades protestantes desse tipo formaram-se, no Brasil, em 1824, com a chegada dos primeiros imigrantes alemães, atraídos por D. Pedro I como nova força de trabalho, tendo em vista a diminuição dos escravos. Entre 1850 e 1860 ocorreu uma grande onda de imigração de diversos países europeus para o Uruguai, a Argentina e o Chile e, posteriormente, em menor grau, para os demais países, até princípios da década de 1930. A Segunda Guerra Mundial deu lugar a novas imigrações, de sorte que hoje existem praticamente em todos os países comunidades desse tipo, voltadas para os descendentes dos imigrantes e para os recém-chegados. Essas comunidades são de luteranos alemães, presbiterianos escoceses, anglicanos ingleses, valdenses italianos e franceses, reformados holandeses e suíços, e batistas galeses. Eles constituem o protestantismo histórico de origem europeia. (GALINDO, 1994, p. 208-209).

O Protestantismo de Missão é proveniente dos Estados Unidos, no século XIX. Chegou com a decisão de ganhar adeptos entre a população do continente, já batizada, em sua grande maioria, na Igreja Católica. As primeiras comunidades desse tipo pertencem às mesmas denominações do grupo anterior, porém provenientes dos Estados Unidos. (GALINDO, 1994, p. 209).

Desde o século XVII, protestantes afirmavam que o Catolicismo implantara, na América Latina, um Cristianismo deformado. Surgiu daí a vocação norte-americana de transferir para a América Latina, os benefícios do “sonho americano”, ou do “estilo americano de vida”, cujos componentes são patriotismo, racismo e protestantismo. Tem sido comum a tese de que foi esse caldo de cultura o ponto de partida das missões protestantes na América Latina. Assim, apareceu, em 1810, a *American Board of Commissioners for Foreign Missions*, inicialmente interconfessional e, mais tarde, Congregacional. Em seguida, foram surgindo outras organizações missionárias: entre 1814 e 1821, Batistas, Metodistas e Episcopais; em 1837, o *Board of Foreign Missions*, dos Presbiterianos e, em 1893, a *Foreign Mission Conference of North America interconfessional*. (MENDONÇA, 1990b, p. 31).

O esforço expansionista, resultante do período de ebulição religiosa, possibilitou o desenvolvimento de projetos cooperativos entre as várias Igrejas Protestantes, como, por exemplo, o da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, organizada em 1802, cujo objetivo era traduzir e imprimir bíblias, que,

posteriormente, seriam utilizadas pelas mais diferentes Igrejas nas suas atividades proselitistas. Pouco mais tarde, em 1816, inspirada no modelo britânico, surge a Sociedade Bíblica Americana. O fato de um dos primeiros esforços cooperativos entre os protestantes se direcionar para a produção e distribuição de bíblias está relacionado com a centralidade que a Bíblia tem no conjunto de crenças e práticas religiosas típicas da fé reformada. Nas regiões onde o proselitismo protestante encontrava barreiras, como o caso do Brasil, a atividade missionária se fazia através da distribuição de bíblias, o que veio a se tornar uma importante estratégia proselitista protestante (SIEPIERSKY, 2003, p. 35-36).

No início do século XX, as missões se tornam mais intensas. Com a expansão do desenvolvimento industrial, dominado pelos grandes impérios europeus (anglo-saxão), promoveu um otimismo sem precedentes, que deu início a uma “cultura mundial” baseada na civilização europeia. Nesse contexto, a Bíblia era vista – pelos protestantes conservadores – como um instrumento que podia ser usado para civilizar os pagãos. Em 1910, a Conferência Missionária, realizada em Edimburgo, forjou a ideia de um *copus christianum* mundial, e procurou centralizar os objetivos missionários nos povos considerados pagãos, como asiáticos e africanos. A Conferência de Edimburgo veio de encontro à mentalidade missionária norte-americana desenvolvida durante o século XIX, que incluía os povos católicos entre os pagãos. Portanto a América Latina, inteiramente católica, tinha, para os conservadores fundamentalistas, de estar dentro dos objetivos missionários. (MENDONÇA, 1990b, p. 31).

2.1.2 A Difusão do Fundamentalismo Bíblico com o Movimento Pentecostal no Brasil

O Fundamentalismo chegou ao Brasil, inicialmente, com as missões protestantes norte-americanas, que tiveram como pioneiras as Igrejas Presbiteriana e Metodista, que também se estabeleceram, até o final do século XIX, no México, Antilhas, Costa Rica, Panamá e Bolívia. Nesse período, também entra em cena um novo tipo de organização missionária, as “missões de fé” (*Faith Missions*), das chamadas “Igrejas Livres”: Batistas, Discípulos, Nazarenos, Quakers, Exército da Salvação, os Irmãos (*Free Betheren*) e os Adventistas do Sétimo Dia. Pouco depois de 1900, surgem as Comunidades Pentecostais, que logo alcançarão um desenvolvimento vertiginoso. Eram grupos de oração e estudo do livro

neotestamentário, Atos dos Apóstolos, estimulados por correspondência com comunidades que estavam vivendo experiências pentecostais na Ásia. Era, pois, uma espécie de “explosão pentecostal”, que começava ao mesmo tempo em diversos continentes. (GALINDO, 1994, p. 212-213).

O movimento pentecostal moderno tem sua origem no “movimento de santidade” norte-americano, que começou e se expandiu com João Wesley (1703-1784), fundador do metodismo. O foco mais precioso do movimento foi a Escola Bíblica de Topeka, EUA, onde Charles Pahrman defendia a ideia de que o falar em línguas era um dos sinais que acompanhavam o batismo do Espírito Santo. O discípulo de Pahrman, W. J. Seymour, foi para Los Angeles, EUA, onde, em 1906, inicia formalmente o movimento pentecostal. Numa das reuniões de Seymour, em Los Angeles, estava presente o pastor de uma Igreja Batista de Chicaco, W. H. Durham, que aderiu ao movimento. (MENDONÇA, 1990b, p. 47).

Em 1910, Luigi Francescon, influenciado por W. H. Durham, parte em missão para a América do Sul e funda, em São Paulo, a primeira Igreja Pentecostal em terras brasileiras, a Congregação Cristã do Brasil. Em 1911, dois missionários suecos, Daniel Berg e Gunnar Vingren, provenientes da Igreja de Durham, fundavam, em Belém do Pará, a Assembleia de Deus. Ambas as denominações logo se difundiram pelo país inteiro. Em Los Angeles, uma discípula de Robert Semple, funda a Igreja do Evangelho Quadrangular, que chega ao Brasil em 1953, trazida por Harold Williams. (MENDONÇA, 1990b, p. 47-48).

Após pouco tempo, em 1914, os diferentes grupos pentecostais formados nos Estados Unidos passaram a se associar e realizaram uma primeira convenção em Hot Springs, no Estado de Arkansas. Em 1919, criam uma associação sob o nome de Convenção Geral (*General Council*). O movimento pentecostal, no seu início, era marcado por uma expectativa da volta iminente de Cristo, o que caracteriza uma interpretação fundamentalista da Bíblia. Essa foi uma das razões pela qual grande parte do esforço era direcionado para a atividade proselitista, e não para a organização das Igrejas, fato esse que se modificou quando essa expectativa não se cumpriu. (SIEPIERSKY, 2003, p. 47-48).

Na segunda metade do século XX, a partir dos anos 50, os evangélicos pentecostais cresceram tanto e se diversificaram de tal forma, que acabaram por se tornar amplamente majoritários entre os protestantes brasileiros. Em meio à infinidade de Igrejas Pentecostais de tipo clássico, existentes no Brasil, as maiores

são as seguintes: Congregação Cristã do Brasil (desde 1910 no país); Assembleia de Deus (desde 1911); Igreja do Evangelho Quadrangular (desde 1953); Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo (fundada em 1955); Deus é Amor (fundada, no Brasil, em 1962), e Casa da Bênção (também fundada, no Brasil, em 1964). (GAARDER; HELLERN; NOTAKER, 2000, p. 288).

Sem dúvida, por meio dessas Igrejas, o movimento pentecostal experimenta um grande impulso expansionista. Este é o contexto em que o Fundamentalismo bíblico conseguiu espaço para se desenvolver no coração do protestantismo brasileiro.

2.1.3 O Marco Referencial do Fundamentalismo Brasileiro nesse Contexto

O Fundamentalismo bíblico, no Brasil, foi-se difundindo, em grande parte, como consequência: a) do trabalho proselitista das missões protestantes norte-americanas; b) do conservadorismo presente em setores das Igrejas protestantes históricas; c) da expansão vertiginosa das Igrejas pentecostais.

Nesse contexto de efervescência da expansão do Protestantismo, o marco referencial do Fundamentalismo bíblico brasileiro foi, segundo Mendonça (1990c, p. 141-142), a publicação, em 1921, do livro de Alfredo Borges, *Maranata*. Nele, o autor registra sua conversão do pós-milenismo para o pré-milenismo e junta os principais pontos teológicos do Fundamentalismo. É sintomático que a segunda edição de *Maranata*, de 1951, comemorando os 50 anos da primeira, tenha sido iniciativa da Missão Brasileira Messiânica. Em obras subsequentes de Teixeira (Meditações Cristãs, 1942-1944, e Dogmática Evangélica, 1958) continuam, com pequenas alterações, as mesmas ideias. Na mesma denominação de Teixeira – a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil – têm surgido obras típicas do Fundamentalismo, como “A Bíblia e o fim do mundo” e “A Bíblia e o tempo”, ambas de Antonio C. R. Alvarenga; “Profecias e Dispensações”, de Samuel Ladeira, e “As coisas que em breve devem acontecer”, de Francisco de Assis Ladeira.

Na década de 1940, Carl McIntire (citado, acima, em 1.3.3) esteve no Brasil propagando o Fundamentalismo, tendo em vista, especialmente, uma reação contra o Conselho Mundial de Igrejas (CMI), cuja fundação (Amsterdã, 1948), vinha sendo preparada desde 1925. A pregação de McIntire causou brechas e divisões nas Igrejas Protestantes brasileiras. Mas, a partir da década de 1950, o

Fundamentalismo assumiu estratégias diferenciadas. Surgem seminários e institutos bíblicos, acampamentos para jovens e diversas organizações missionárias com diversos nomes, mas todas intitulando-se “indenominacionais”. Essas organizações paraeclesiais nunca tiveram interesse na formação de Igrejas. Seu objetivo sempre foi ideológico, isto é, a inserção e alimentação do Fundamentalismo nas Igrejas nacionais, numa luta ideológica e política aberta contra o movimento ecumênico. (MENDONÇA, 1990c, p. 142).

Interessante notar que, ultimamente, cresce, de forma impressionante, o número de editoras especializadas em lançar literatura fundamentalista em nosso meio (MENDONÇA, 1990c, p. 142).

Vejam, a seguir, os aspectos mais relevantes e significativos do Fundamentalismo Bíblico que foi sendo elaborado nesse contexto histórico do protestantismo brasileiro.

2.2 CARACTERÍSTICAS DO FUNDAMENTALISMO BÍBLICO NO BRASIL

O Fundamentalismo bíblico que chegou à América Latina, e ao Brasil, com as missões protestantes e com o movimento pentecostal, foi a ponta da linha das lutas teológicas que se travaram nas Igrejas-mães, nas suas matrizes, no século XIX. Ao longo do século XX foi desenvolvendo e criando características próprias.

Quais as características do Fundamentalismo bíblico latino-americano e brasileiro que o distingue do Fundamentalismo bíblico norte-americano do qual provém? Como se configura o Fundamentalismo bíblico no meio protestante brasileiro?

Vejam, a seguir, os aspectos mais importantes do Fundamentalismo bíblico que se desenvolveu no Brasil. Muitos dos aspectos que abordaremos estão passando por transformações ao longo dos anos, outros – porém – ainda se configuram muito fortes.

2.2.1 Defesa da Bíblia como Único Fundamento

A utilização da Bíblia nas Igrejas e Movimentos protestantes que surgiram no Brasil, a partir das missões norte-americanas, cumpre o papel de suprir a falta de

uma tradição própria dessas Igrejas. Sem a Bíblia, tais Igrejas não teriam como definir sua identidade e justificar sua atuação. Daí a necessidade de defender a Sagrada Escritura de tudo o que poderia debilitar sua autoridade infalível, como a crítica levantada pela exegese moderna. (GALINDO, 1994, p. 358).

A exegese moderna, como vimos no capítulo primeiro desta Dissertação, baseia-se no método histórico-crítico, que inclui o estudo das línguas bíblicas, grego e hebraico, a pesquisa comparativa dos escritos originais e das fontes literárias, bem como das descobertas arqueológicas, com o objetivo de revelar o ambiente cultural em que as Escrituras foram redigidas, afirmando que é um produto desse contexto histórico. Importante ressaltar que, durante toda a Idade Média, a interpretação bíblica era baseada apenas na tradução latina. Um avanço significativo ocorreu na Renascença, quando os humanistas, leais a seu desejo de voltar às fontes, começaram a estudar a Bíblia em suas línguas originais, hebraico e grego. Isso teve grande significado para Martinho Lutero e os demais reformadores, já que acreditavam que a Bíblia era o único alicerce da Igreja. Contudo, os avanços na área da pesquisa bíblica foram rechaçados pela leitura fundamentalista, que considera a letra da Bíblia como Palavra de Deus absoluta e completa. Segundo os fundamentalistas, Deus ditou o conteúdo para seus autores, palavra por palavra, por intermédio do Espírito Santo. (GAARDER; HELLERN; NOTAKER, 2000, p. 224-225).

De fato, a leitura fundamentalista da Bíblia é um entendimento literalista do texto bíblico, que considera sua forma final como a expressão verbal da Palavra de Deus, e a vê como clara, simples, e sem ambiguidade. Recusa-se a usar qualquer método científico de interpretação, e não leva em conta as origens históricas da Bíblia, nem o desenvolvimento de seu texto ou suas diversas formas literárias. (FITZMYER, 1997, p. 66).

Ainda, pode-se afirmar que, no Fundamentalismo bíblico, a Sagrada Escritura assume, assim, a condição de fonte exclusiva de todo conhecimento, não apenas teológico. Igreja e mundo passam a depender, conseqüentemente, da interpretação literal do texto bíblico. Qualquer alternativa deve obrigatoriamente traduzir a intenção de negação, ou mesmo destruição, da revelação divina e da civilização cristã. A investigação científica das escrituras, a crítica bíblica, é um desses perigos. Trata-se, nessa linha de raciocínio, de uma iniciativa auto-aniquiladora, uma vez que parte do interior da própria Igreja cristã. A melhor solução

para o “problema” vem através da defesa ferrenha da interpretação literalista da Bíblia. (VELASQUES FILHO, 1990a, p. 118).

A defesa da Bíblia, como único fundamento, se baseia em outras doutrinas que, somadas aos cinco princípios fundamentais da fé cristã (a inerrância verbal da Escritura; a divindade de Cristo; seu nascimento virginal; a doutrina da expiação vicária; e a ressurreição corporal quando da segunda vinda de Cristo), corroboram com o pensamento fundamentalista; uma das mais importantes dessas doutrinas é a teoria dispensacionalista de John N. Darby (1800-1882), que foi difundida pela “Bíblia de Estudo Scofield” (versão da Sagrada Escritura, editada pelo Dr. Cyrus I. Scofield, publicada em 1909).³

A teoria dispensacionalista sustenta a existência de sete dispensações⁴, isto é, sete épocas que configuram momentos diferentes e sucessivos da relação de Deus com a humanidade, todos devidamente referidos na Bíblia. A PRIMEIRA DISPENSAÇÃO é a época da inocência, a do ser humano criado em estado de inocência. Estendeu-se da criação à expulsão de Adão e Eva do Éden e corresponde, na Bíblia, à seção que vai de Gn 1,28 a 3,13. A SEGUNDA DISPENSAÇÃO é a era da consciência, ou responsabilidade moral diante do pecado. Corresponde ao período limitado pela expulsão do paraíso e pelo dilúvio (Gn 3,22 a 7,24). A TERCEIRA DISPENSAÇÃO é a época do Governo Humano, que se estende do dilúvio (com Noé) à confusão de línguas ocorridas em Babel (Gn 8,20 a 11,20). A QUARTA DISPENSAÇÃO é época da promessa de Deus. Corresponde, na Bíblia, ao período de Gn 12,1 a 19,8. Esta foi a era do chamamento de Abraão até a entrega da Lei no Sinai. A QUINTA DISPENSAÇÃO é a época em que o ser humano está sob o governo da Lei de Deus. Ela se estende do Sinai, onde a Lei foi outorgada, à crucificação de Jesus Cristo. (de Ex 19,1 a At 2,1). A SEXTA DISPENSAÇÃO corresponde ao tempo da Graça ou Nova Aliança. É a época em que vivemos. Vai do início de Jesus Cristo ao seu retorno futuro, e fundamenta-se,

³ A Bíblia de Estudos Scofield é considerada uma das obras clássicas do Fundamentalismo. (VELASQUES FILHO, 1990a, p. 124). Trata-se de uma versão comentada das Escrituras (Tradução de Almeida Corrigida Fiel), inicialmente apresentado pelo Dr. C. I. Scofield, publicada em 1909. As notas de estudo dessa Bíblia continuam com as mesmas doutrinas sustentadas pelo Dr. Scofield. Nas publicações atuais, as notas são uma adaptação, em linguagem moderna, realizada pelo Comitê Revisor, em 1967. (BÍBLIA DE ESTUDO SCOFIELD, 2009, p. 4). Trata-se de uma Bíblia muito utilizada em estudos de Seminários Teológicos protestantes, no Brasil.

⁴ Dispensação é um período de tempo durante o qual o ser humano é posto à prova em sua obediência a certa revelação específica da vontade de Deus. (BÍBLIA DE ESTUDO SCOFIELD, 2009, p. 3).

bíblicamente, nos seguintes textos: Jo 1,17; Hb 9,3-8 e 10,19-20. A SÉTIMA DISPENSAÇÃO é a última; refere-se ao milênio, ao tempo da plenitude em que a humanidade estará sob o governo pessoal de Cristo, anunciado na história pelo reinado de Davi, em Israel, conforme Ef 1,10 e 2 Sm 7,8-17. (BÍBLIA DE ESTUDO SCOFIELD, 2009, p.3,6,12,17, 82, 962 e 1088); (VELASQUES FILHO, 1990a, p. 124).

A Bíblia, concebida como único fundamento, exige, da parte dos fiéis, firme adesão a tudo o que está nela escrito. Não há espaço para questionamentos ou interpretações críticas, uma vez que é a Palavra de Deus, única fonte de ensinamento sobre a vida cristã e a salvação.

2.2.2 Aversão ao Aprofundamento Teológico

O Fundamentalismo protestante, em suas origens norte-americanas, procurou fundamentar-se, teologicamente, em argumentos da tradicional Teologia da Revelação, contra as modernas tendências do liberalismo filosófico e do científico que, dentre outras coisas, criaram a Teoria Evolucionista e desenvolveram métodos acadêmicos para o estudo da Bíblia.

Contudo, a oposição entre a Revelação e a Razão, entre a Bíblia e a Ciência (tradição herdada do pietismo revivalista), levou o fundamentalismo, em geral, a ser hostil ou, pelo menos, indiferente a toda corrente intelectual moderna. Na América Latina, e no Brasil, foi característica desse protestantismo, proveniente das missões norte-americanas, a rejeição da educação teológica, considerada “um dos maiores perigos para a fé”, dado que ela “infiltra a modernidade no pensamento cristão”. Temia-se que o estudo da Teologia colocasse em perigo a autoridade infalível da Bíblia e, com ela, a base da fé. (GALINDO, 1994, p. 358-359).

Poder-se-ia falar dessa aversão fundamentalista ao teológico como “suicídio do pensamento”, porque este é, de fato, um convite para não pensar, não questionar o texto da Bíblia e, assim, infunde uma falsa certeza. O que muitas vezes ocorre, em consequência de se deixar atrair por esse modo de ler a Bíblia, é que, inevitavelmente, muitas pessoas de formação fundamentalista, ao se escolarizarem e terem um crescimento intelectual, percebendo não ser possível ler a Bíblia desse modo, simplesmente abandonam todos os compromissos de fé. (FITZMYER, 1997, p. 69).

Por causa disso, foi uma luta para se implantar, em certas Igrejas Pentecostais, as chamadas “escolas dominicais”. Consideravam que não havia necessidade racional de analisar a Bíblia. A leitura desta só poderia ser realizada do ponto de vista espiritual. (CAMPOS Jr., 2009, p. 86).

Com o passar do tempo, essa característica foi mudando. Algumas Igrejas Pentecostais aderiram à formação teológica em Seminários, e intensificou-se a formação bíblica, inclusive em escolas dominicais. Contudo, pode-se observar que tal formação ainda é marcadamente fundamentalista, avessa à contribuição da exegese moderna.

2.2.3 Alienação das Questões Sociais e Políticas

O fundamentalismo no protestantismo brasileiro é, segundo Mendonça e Velasques Filho, uma forma de fé cristã inteiramente voltada para o sobrenatural e para o a-histórico. Não há nenhuma abertura para o social e para a inserção da Igreja no mundo. É uma fé passiva que não leva a nenhuma reflexão teológica a partir da realidade social e, conseqüentemente, não favorece a elaboração de projetos em busca de mudanças. (MENDONÇA, 1990c, p. 142).

A maioria dos evangélicos fundamentalistas caracteriza-se pela abstenção ou indiferença em relação aos movimentos de reforma social. Embora isso já seja um traço do protestantismo conservador em geral, o Fundamentalismo acrescentou como algo próprio, a oposição entre o espiritual e o material, entre a Igreja e o mundo, entre o espírito e a carne, como realidades antagônicas. (GALINDO, 1994, p. 362). De fato, essa mentalidade rigorosamente dualista do mundo forneceu as bases do apocalipsismo / milenismo ao classificar a realidade presente como o mal e a futura (mundo de Deus, que há de vir) como o bem. A prática religiosa dos grupos protestantes era essencialmente voltada para esse além, caracterizando uma indiferença radical para com o mundo presente. (MENDONÇA, 1990a, p. 270).

Nesse contexto, os fundamentalistas, no Brasil, tiveram, como prática, não se envolver em assuntos políticos, tidos como mundanos, sujos, corruptos. Essa atitude, quase como norma, é seguida pelas comunidades fundamentalistas, mesmo que seus pastores sejam nativos. Isso não significa que eles não vissem e sentissem na própria pele os problemas sociais; porém, com medo de serem confundidos como “comunistas” pelo Regime Militar, resolveram abster-se da política e de críticas

políticas contra os regimes ditatoriais, que se sucederam, anos a fio, na América Latina e no Brasil. (GALINDO, 1994, p. 361).

Hoje, temos uma bancada de políticos protestantes fundamentalistas, nas esferas municipais, estaduais e federal. São profundamente alienados dos problemas sociais mais graves, preferindo fincar bandeiras em questões morais conservadoras. É de se notar que ganham cada vez mais adeptos, apesar da forte crítica de setores liberais e da imprensa.

A autossuficiência dos fundamentalistas em matéria de fé constitui-se uma espécie de racismo confessional. A ausência de amor é uma das primeiras consequências. O fundamentalismo não se difunde eclesialmente, isto é, pelas confissões de fé das igrejas constituídas, mas, ideologicamente, através de instituições paraeclesiais preponderantemente estrangeiras. As raras nacionais são imitações que navegam nas mesmas águas. Além de descaracterizar as Igrejas com a sua influência sobre os jovens, as organizações paraeclesiásticas fundamentalistas estão transformando em tragédia a formação do ministério brasileiro, com seus institutos cujo único objetivo é oferecer uma leitura direcionada da Bíblia e eliminar qualquer forma de reflexão e crítica teológica. (MENDONÇA, 1990c, p. 142-143).

2.2.4 Proselitismo

O Fundamentalismo bíblico conta com uma característica que é própria do protestantismo na sociedade brasileira: a conquista de adeptos. Sobretudo no pentecostalismo, a capacidade de contagiar multidões é uma característica essencial para seus principais líderes. Como exemplo disso temos Manoel de Melo, migrante nordestino, de fala simples, dotado de um carisma que lhe possibilitou fundar a Igreja Pentecostal Brasil para Cristo. Seu tipo de atuação acabou influenciando outros líderes pentecostais que, posteriormente, estabeleceram movimentos similares, com o sonho de formar uma igreja em nível nacional. (CAMPOS Jr., 2009, p. 98).

Além disso, essas Igrejas pentecostais têm uma facilidade de se instalar nas periferias dos grandes centros urbanos. Os cultos começam nas casas dos adeptos, congregando protestantes e não protestantes da vizinhança; esses, às vezes, são colegas de trabalho que aceitam convites que lhes são feitos. Desse modo, por meio

do proselitismo, o crescimento urbano do protestantismo fundamentalista foi-se desenvolvendo, sob liderança leiga e em torno da Bíblia. Regra geral, esses pequenos grupos obtêm a tutela de alguma Igreja distante ou mais próxima, a fim de receber, às vezes, precária assistência pastoral, tornando-se mais tarde igrejas com grande número de membros. (MENDONÇA, 1990a, p. 271)

O apelo ao emocional, chave para o ato de conversão no evangelicalismo, é também um dos pontos fortes do proselitismo no processo de formação. As comunidades que mais se distinguem nesse aspecto são as pentecostais e, por isso, são também as mais difundidas na América Latina e no Brasil. (GALINDO, 1994, p. 371).

O proselitismo tem, portanto, como objetivo, atrair adeptos para o seu grupo religioso (não necessariamente ligado às Igrejas protestantes tradicionais), oferecendo uma comunidade de fé que lhes dê uma sensação de segurança na vida comunitária entre os irmãos. Eles trabalham, com afinco, na promoção de um senso de pertença a um grupo cauteloso de pessoas que vivem um estilo de vida em imitação da igreja primitiva, como é idealmente descrito nos Atos dos Apóstolos (2,43-47). Esta atração não contradiz a ênfase sob a dimensão pessoal da fé, mas a complementa. (WITHERUP, 2004, p. 90).

Organizações missionárias paraeclesiais atuam por meio de forte proselitismo, em três diferentes níveis: evangelização de massa, acampamentos para a juventude e literatura (MENDONÇA, 1990b, p. 56-57):

- No primeiro nível, evangelização de massas, a exemplo da organização paraeclesial “Visão Mundial”, há todo um esforço por envolver as denominações em geral em campanhas evangelísticas de grande amplitude. Inspira-se no “Pacto de Lausanne”, Suíça, em 1974, que, por sua vez, inspirou-se no movimento “evangelical” do século XIX. Tem como objetivo mobilizar as Igrejas para a evangelização mundial.

- No segundo nível, os acampamentos de juventude, cujo protótipo, no Brasil, é a organização “Palavra da Vida”, utilizam estratégias para a conversão de jovens. Partem do princípio de que todos necessitam de conversão, mesmo os jovens fiéis das Igrejas tradicionais, que afluem em grande número aos seus retiros semanais de férias escolares. O resultado, pelo que se pode inferir dos testemunhos desses jovens, que, em equipes, saem pelas Igrejas com o objetivo de atrair outros jovens, é uma sensível alienação em relação à família, à Igreja e à sociedade. Ao

creditar ao acampamento seu novo programa de vida, o jovem, no seu testemunho e nas suas ações, desqualifica a família, que não “soube conduzi-lo na religião”; a Igreja, que “não lhe deu o ambiente adequado à sua conversão”; e a sociedade, cujos valores ele repudia, incluindo a educação e o trabalho. Os jovens frequentadores de acampamentos tendem a formar, nas Igrejas, grupos separados, às vezes em clara oposição às lideranças.

- No terceiro nível, o da literatura religiosa protestante, temos um franco desenvolvimento no Brasil. A qualidade das publicações, sob o ponto de vista da apresentação gráfica, é boa e relativamente barata. Os temas explorados pelas editoras dessa literatura – Betânia e Vida Nova, por exemplo – são variados. No entanto, obtêm grande sucesso os livros que veiculam a ideia de que problemas existenciais e de saúde podem ser resolvidos mediante um programa devocional bem elaborado e seguido à risca. Mediante histórias reais de pessoas, em geral de outros países, que resolveram seus problemas seguindo este ou aquele método devocional, encorajam os leitores a fazerem o mesmo. O resultado é o fortalecimento de uma religiosidade individualista e solitária, tendente a enfraquecer o sentido de vida religiosa e comunitária.

Em suma, o proselitismo é algo muito presente no Fundamentalismo bíblico protestante.

2.3 ALGUMAS CONSEQUÊNCIAS DO FUNDAMENTALISMO BÍBLICO

De um modo geral, pode-se afirmar que “o Fundamentalismo é uma tentativa desesperada de autoterapia de uma cultura que adoeceu da dúvida fundamental diante de si mesma” (KÜNZLI, 1995, p. 65). Isso ocorreu em meio à propalada crise da modernidade, que pôs em polvorosa as Instituições que até então detinham o poder no campo econômico, político, educacional e religioso.

Do ponto de vista sociocultural, as consequências do Fundamentalismo (inclusive do Fundamentalismo bíblico) para a vida em sociedade são inúmeras. Destaquemos algumas, segundo os autores que consultamos para escrevermos este trabalho.

2.3.1 Intolerância

Uma das evidentes consequências do Fundamentalismo, de um modo geral, inclusive do Fundamentalismo bíblico, é, sem dúvida, a intolerância. Para muitos, é mais fácil simplificar a realidade humana em dois grupos: “nós” e “eles”, os bons e os maus, os escolhidos e os condenados, e atribuir aos “outros” tudo que nos perturbe da realidade, justificando, assim, qualquer barbaridade que façam “os nossos”, e vendo como única solução para os males do presente uma vitória absoluta “dos nossos” por cima “dos outros”. (MADURO, 2006, p. 227).

Essa prática vai modelando um jeito de ser e uma mentalidade própria, isto é, uma ideologia que podemos chamar de fundamentalista. Isso torna as pessoas doutrinariamente rígidas e, por isso, intolerantes. (VELASQUES FILHO, 1990a, p. 130).

Essa mentalidade excludente, sectária, dogmática, binária, autoritária, em suma, intolerante, é, sem dúvida, uma das principais consequências do Fundamentalismo bíblico. A Sagrada Escritura é um referencial que exige adesão firme a rígidas atitudes doutrinárias, e uma leitura sem questionamento ou críticas da Bíblia, concebida como a única fonte de ensinamento sobre a vida cristã e a salvação. De maneira intolerante exerce uma influência nas pessoas que é quase a de um “culto” ou “seita” extremista. (FITZMYER, 1997, p. 67).

Tal intolerância agressiva, que caracteriza todo e qualquer Fundamentalismo, demonstra a insegurança na fé, cuja palavra em grego, *pístis*, significa justamente “confiança” inabalável em Deus. Quem integra a dúvida e a crítica à sua fé, não precisa proteger-se, com agressividade, contra instâncias exteriores. Isso deveria valer não só para a massa dos fiéis, mas, também, para instituições religiosas e líderes dessas instituições. (KÜNZLI, 1995, p. 67).

Porém, o problema é muito complexo. Quando se trata dos líderes religiosos fundamentalistas, eles se sentem obrigados a defender não apenas uma fé fundamentalista, mas também as suas instituições fundamentalistas. Percebe-se aqui, portanto, uma dupla proteção: espiritualmente, contra a dúvida de dentro e de fora, e isso significa contra a razão crítica e o diálogo; e, institucionalmente, contra a concorrência de outros fundamentalismos, contra a crítica de dissidentes ou de renegados, e contra o inimigo sorrateiro e maligno (o diabo). Percebe-se, assim, que todo Fundamentalismo é, de algum modo, paranoico, pois vê inimigos a espreitar em

cada canto desse mundo maléfico. Assim, a intolerância é acrescida, nesses “líderes fundamentalistas”, de um cálculo racionalista com relação aos fins, que pode assumir a forma de um cinismo bem ensaiado. Afinal de contas, o poder institucionalizado não serve mais tão somente à fé fundamentalista, mas para legitimar o poder da instituição. (KÜNZLI, 1995, p. 67).

As pessoas e as massas, que seguem tais líderes e instituições fundamentalistas, deixam-se fanatizar com facilidade. É o que veremos a seguir.

2.3.2 Fanatização

A intolerância fundamentalista é, particularmente, atrativa para as pessoas e massas fragilizadas diante de certas condições sociais: quando a insegurança trabalhista cresce; quando as dificuldades econômicas afetam um número crescente de membros de uma comunidade; quando os atos de violência (política, militar, religiosa, policial ou da população de um modo geral, tais como revoltas generalizadas e conturbações urbanas, por meio de vândalos, saqueadores, etc.), multiplicam-se de modos imprevistos; quando as ideias e costumes tradicionais se vêem disputados e ameaçados por novas ou estranhas práticas e opiniões; quando os laços e instituições que pareciam enraizados se desfazem de modo, ao que parece, incontrolável (por catástrofes naturais, guerras, crises econômicas, imigração, repressão governamental, etc.); enfim, quando o “normal” deixa de sê-lo e o inesperado torna-se cotidiano. (MADURO, 2006, p. 227).

Sob tais condições sociais, as pessoas e as massas cultivam, naturalmente, a esperança de que surja, no cenário, quem lhes proponha algum tipo de saída imediata que lhes minore o sofrimento. Não é de se estranhar que muitas pessoas se deixem fanatizar por certos líderes fundamentalistas, quanto mais desabrigadas, atemorizadas, desorientadas e assaltadas por dúvidas elas se sentem... (KÜNZLI, 1995, p. 65-66).

A Bíblia, nesse contexto, surge como texto que serve de alicerce, fundamento, em meio às ameaças do tempo presente. Trata-se do referencial único, palavra de Deus, que exige da parte do crente uma leitura literal. Por isso, a devoção fanática dos fundamentalistas pela Bíblia é impressionante. Eles lêem a Bíblia diariamente, memorizando seu conteúdo e seus ensinamentos sem uma necessária análise exegética e hermenêutica. Seu único objetivo é o de compartilhar o texto

bíblico com os que estão no mesmo barco da insegurança da vida, por meio de monólogos intermináveis, visando à urgente conversão dessas pessoas. (WITHERUP, 2004, p. 84).

Os fanáticos proselitistas compreendem que a Bíblia oferece segurança e certeza, em um mundo cada vez mais inseguro e incerto. De uma perspectiva interna, o Fundamentalismo bíblico é nitidamente um pacote amarrado de questões e respostas. Ele pode oferecer conforto psicológico àqueles incapazes e sem vontade de lutar com as incertezas, ambiguidades da vida, e com as múltiplas escolhas que precisam ser feitas dia após dia. (WITHERUP, 2004, p. 87-88).

2.3.3 Absolutização

A absolutização que caracteriza todo e qualquer fundamentalismo tem a função de uma interdição da dúvida, do raciocínio e do diálogo, legitimada pela transcendência. Os fundamentalistas estão certos de que se cederem um milímetro à razão crítica, autônoma, estarão perdidos. (KÜNZLI, 1995, p. 68-69).

De fato, esse absolutismo está presente também no Fundamentalismo bíblico, que teve sua origem na época da Reforma, com uma preocupação de fidelidade ao sentido literal da Escritura. Após o século das Luzes (Iluminismo), ela se apresentou ao Protestantismo como uma proteção contra a exegese liberal. Se bem que o Fundamentalismo tenha razão em insistir na inspiração divina da Bíblia, a inerrância da Palavra de Deus e as outras verdades bíblicas inclusas nos “cinco pontos fundamentais” (a inerrância verbal da Escritura; a divindade de Cristo; seu nascimento virginal; a doutrina da expiação vicária; e a ressurreição corporal quando da segunda vinda de Cristo), sua maneira de apresentar essas verdades enraíza-se em uma ideologia que não é bíblica, pois exige uma forte adesão a atitudes doutrinárias rígidas, e impõe, como fonte única de ensinamento, a respeito da vida cristã e da salvação, uma leitura da Bíblia que recusa todo questionamento e toda pesquisa crítica. (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 1994, p. 40).

No Brasil, a discussão sobre a inerrância bíblica foi retomada, há alguns anos, através da publicação de “O alicerce da autoridade bíblica”, obra coletiva com contribuições de James M. Boice, John H. Gerstner, James I. Packer, Gleason L. Archer, R. C. Sproul, Kenneth S. Kantzer e Francis A. Schaeffer. Organizações paraeclesiais, como “Palavra da Vida”, têm procurado difundir a teoria da

inerrância bíblica através, por exemplo, de encontros de pastores. (VELASQUES FILHO, 1990a, p. 127).

Assim, o Fundamentalismo bíblico tem a tendência a uma grande estreiteza da visão, pois se baseia numa antiga cosmologia já ultrapassada, só porque encontra-se expressa na Bíblia. Isso impede o diálogo com uma concepção mais ampla das relações entre a razão crítica e a fé, provocando um verdadeiro “suicídio do pensamento”. A leitura fundamentalista da Bíblia é um convite para não pensar, não questionar o texto da Bíblia, com o intuito imediato de infundir uma falsa certeza. (FITZMYER, 1997, p. 69).

A Bíblia, concebida como verdade absoluta, exige uma leitura que recusa todo questionamento e toda pesquisa crítica.

Aqui chegamos ao final deste capítulo dois, no qual tratamos do Fundamentalismo bíblico no Brasil, desde a sua chegada, difusão, características e consequências. No capítulo três, vamos fazer algumas análises acerca das implicações sociorreligiosas do Fundamentalismo bíblico na vida dos seus adeptos.

3 IMPLICAÇÕES SOCIORRELIGIOSAS DO FUNDAMENTALISMO BÍBLICO

Após termos apresentado, no primeiro capítulo, os conceitos sobre o Fundamentalismo, sua origem e desenvolvimento e, no segundo, delineado aspectos relevantes quanto à chegada do Fundamentalismo bíblico ao Brasil por meio das missões protestantes norte-americanas, chegamos, agora, ao terceiro capítulo.

Vamos discorrer aqui sobre as implicações sociorreligiosas do Fundamentalismo bíblico em três níveis: no modelo de Igreja, no modo de interpretar a Bíblia e na vida pessoal e familiar dos seus adeptos.

3.1 IMPLICAÇÕES NO MODELO DE IGREJA

O Fundamentalismo bíblico que se desenvolveu nos Estados Unidos, em meio ao conflito entre protestantes de Igrejas tradicionais e adeptos do liberalismo teológico, influenciou várias denominações protestantes, a partir do século XIX, desde as Igrejas Tradicionais até às Pentecostais.

No século XX, gradativamente, o Fundamentalismo bíblico foi plasmando um modelo de Igreja que apresenta algumas características próprias, tais como uma ferrenha oposição à Modernidade e, conseqüentemente, um forte conservadorismo. Vejamos, a seguir, esses dois aspectos marcantes, que caracterizam as Igrejas de cunho Fundamentalista.

3.1.1 Oposição à Modernidade

“A Modernidade é o “grande inimigo”. Ela é responsável pela sabotagem de valores cristãos tradicionais e precisa ser combativamente resistida por um núcleo de cristãos fiéis” (WITHERUP, 2004, p. 20), congregados em suas respectivas Igrejas fundamentalistas.

Por isso, é comum observarmos nessas Igrejas, de um lado, uma forte denúncia à impiedade, concebida como o pecado das sociedades modernas que ignoram a Deus; de outro, elas denunciam os efeitos dessa impiedade na miséria e na derrocada social e moral. O fracasso da Modernidade é interpretado, portanto,

como um fracasso causado pela ausência de Deus na modernidade. E isso teria tido sua raiz na própria origem da Modernidade, construída com base na autonomia da Razão. (SCHLEGEL, 1996, p. 137).

A Modernidade é, em primeiro lugar, um ideal que se pretende “esclarecido”: ideal de autonomia ou de emancipação do ser humano. A palavra autonomia deve ser entendida no seu sentido etimológico: é autônomo quem atribuiu a si mesmo a sua lei, quem se mantém por si mesmo, quem constrói por si mesmo o seu mundo e o seu estado humano, quem procura fazer a sua felicidade com os seus próprios meios e as suas próprias forças. Quando, em 1784, pediu-se aos filósofos europeus que definissem o sentido e o ideal do Iluminismo, Emmanuel Kant respondeu: “O Iluminismo é a idade adulta do homem”, é aquela em que ele passa a dominar com a razão o mundo das coisas e o mundo de seus próprios comportamentos; é o fim da menoridade, da infância, quando era guiado por alguém ou algo exterior a ele, por exemplo, por um Deus, por algo sagrado que o domina, pela natureza, pela tradição, pelas autoridades de direito divino... Agora o homem guia a si mesmo com uma razão sã, porque é capaz disso. (SCHLEGEL, 1996, p. 132).

A Modernidade atingiu a religião, as artes, as ciências, a política, enfim, todas as áreas da vida humana.

O conjunto dos quadros sociais, parcelas inteiras da vida coletiva (economia, saúde, educação...) foram “secularizados”. Não se trata necessariamente de uma cultura “sem Deus” ou “contra Deus”, longe disso, mas de uma cultura “fora de Deus” que se estende nos tempos modernos (e que se diga desde já, para os espíritos religiosos, isso talvez seja ainda mais tolerável que o ateísmo declarado). (SCHLEGEL, 1996, p. 134).

Diante disso, pode-se afirmar que as Igrejas fundamentalistas se opõem àquilo que consideram a consequência mais danosa da modernidade, a “perda de Deus” e a consequente degradação moral da sociedade. E como o presente se tornara demasiadamente inseguro, sem fundamentos, a ponto de não se poder mais acreditar no futuro, procura-se retornar ao passado, na busca da tradição, das origens. A origem é a meta. De algum modo, na visão dessas Igrejas, “o fundamentalismo é uma passagem de volta da história, que deve permitir ao passageiro de uma viagem de ida mal-sucedida o retorno ao ponto de partida”. (KÜNZLI, 1995, p. 65-66).

3.1.2 Conservadorismo

A postura conservadora das Igrejas Fundamentalistas opõe-se a aspectos da Modernidade interpretados como agressivos e destruidores das tradições. Assim, tais Igrejas desenvolvem um conservadorismo combativo. Elas não vêem essa luta como uma batalha política convencional, e sim como uma guerra cósmica entre as forças do bem e do mal. Temem a aniquilação e procuram fortificar sua identidade através do resgate de certas doutrinas e práticas do passado. Para evitar contaminação, geralmente se afastam da sociedade e criam uma contracultura, tentando ressacralizar um mundo cada vez mais secularizado. (ARMSTRONG, 2009, p. 11).

Segundo o biblista protestante fundamentalista norte-americano, Russell Norman Champlin, em sua enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, no seio das Igrejas Fundamentalistas há um conservadorismo que é defendido tenazmente, pois ali as inovações são consideradas prejudiciais ao Cristianismo. Essa atitude conservadora alicerça-se principalmente sobre os ensinamentos bíblicos, considerados bons para qualquer época, pois provém diretamente de Deus; apresentam valores constantes e perfeitos, não estando sujeitos a modificações devidas às vicissitudes da experiência humana, contrapondo-se ao liberalismo ético. (CHAMPLIN, 1991, p.877).

As Igrejas Fundamentalistas defendem, portanto, uma ética cristã, face às abordagens e questões éticas contemporâneas. Segundo Elinaldo Renovato de Lima, em seu livro “Ética cristã: confrontando as questões morais do nosso tempo”, muito usado nas Escolas Bíblicas Dominicais,

O posicionamento do cristão, neste início de século, não é fácil de ser tomado, face às abordagens e questões éticas contemporâneas. É que, em termos de moral, de conduta, de costumes, que formam as culturas dos povos, o que se vê é um verdadeiro terreno escorregadio e pantanoso, em que não se sabe onde o certo termina, e começa o errado. Os limites da moral são cada vez mais sendo elásticos e abolidos. O que era certo há apenas 10 anos, hoje é visto como errado; o que era errado, agora é visto como certo. Diante disso, a sociedade sem Deus, materialista e hedonista, não tem referenciais seguros, em que se possa confiar... Isso prova que a humanidade, não obstante o perpassar dos séculos, continua a mesma, em termos de ética e moral, sob o domínio avassalador dos formadores de opinião, principalmente nos tempos pós-modernos, com a influência dos meios de comunicação, notadamente da TV e da Internet. (LIMA, 2002, p. 9).

Diante dessa constatação, as Igrejas Fundamentalistas defendem que o cristão tem a vantagem de possuir um verdadeiro tesouro, um código de ética extraordinário, que é a Sagrada Escritura, inspirada e revelada por Deus, por meio do Espírito Santo.

Com base na Bíblia, busca-se conservar, a todo custo, os valores da fé. Segundo Prócoro Velasques Filho, ao contrário do que se pensa habitualmente, o conservadorismo não tem sua origem na reforma do século XVI, nem faz justiça a ela. O conservadorismo protestante surgiu na Inglaterra e nos Estados Unidos em fins do século XIX, como reação ao modernismo ou liberalismo teológico. (VELASQUES FILHO, 1990a, p.111-112).

Desse modo, as Igrejas Fundamentalistas, em seu conservadorismo, pleitearam para si a condição de cristianismo verdadeiro, passando a limitar-se à Bíblia como o texto base da pregação e da doutrinação. A seguir, apresentaremos as implicações dessa postura no modo de interpretar a Bíblia.

3.2 IMPLICAÇÕES NO MODO DE INTERPRETAR A BÍBLIA

O Fundamentalismo protestante é uma corrente que defende pontos que considera “fundamentais” na doutrina e na moral, sendo extremamente conservadora, como explicitamos anteriormente. O que importa é manter a verdade fundamental, conforme está escrito na Sagrada Escritura, que, inspirada pelo Espírito Santo de Deus, é inerrante, isto é, não pode errar em suas orientações.

Vejamos agora algumas das implicações que esse Fundamentalismo acarreta para o modo de interpretar a Bíblia, do ponto de vista literal e em sua visão escatológica.

3.2.1 Interpretação Literal da Bíblia

Como demonstramos anteriormente no primeiro capítulo, ao tratarmos das origens do Fundamentalismo bíblico no seio do protestantismo norte-americano do século XIX, um dos pressupostos do Fundamentalismo é a infalibilidade das Escrituras (ver 1.2.2, parágrafo primeiro). Isso implica que a Bíblia deve ser interpretada de forma literal, ao pé da letra:

Cada palavra, cada sílaba e cada vírgula, dizem os fundamentalistas, é inspirada por Deus. Como Deus não pode errar, então tudo na Bíblia é verdadeiro e sem qualquer erro. Como Deus é imutável, sua Palavra e suas sentenças também o são. Valem para sempre (BOFF, 2009, p. 11).

Consequentemente, em nome dessa interpretação literal da Bíblia, os fundamentalistas opunham-se às interpretações da assim chamada Teologia Liberal, que usava, e usa ainda hoje, os métodos histórico-críticos e hermenêuticos para interpretar textos escritos milhares de anos atrás. Segundo esses métodos, a história e as palavras não ficam congeladas no passado, mas mudam de sentido ou ganham novas ressonâncias de acordo com a mudança dos contextos históricos. Por isso precisam ser interpretadas para terem resgatado seu sentido original. Na concepção dos fundamentalistas, este procedimento, considerado natural pelo simples bom-senso, é ofensivo a Deus. (BOFF, 2009, p.11-12).

Interessante observar que a interpretação literal da Bíblia, tão defendida e propalada pelos fundamentalistas, contrapõe-se à própria Reforma Protestante. É o que defende Antonio G. Mendonça, ao afirmar que “o escolasticismo protestante, o pietismo e o fundamentalismo, numa progressão histórica, anularam ou quase anularam, todos os efeitos da liberdade que a Reforma introduziu no acesso e uso da Bíblia”. Segundo o mesmo autor,

A Reforma afastou toda forma excessivamente institucionalizada de leitura da Bíblia e pretende manter um canal sempre aberto de enriquecimento e renovação religiosa, isto é, a revelação devia permanecer dinâmica nas mãos da Igreja como fonte da liberdade do Espírito. Mas as sucessivas confissões, catecismos e credos, os padrões exegéticos e hermenêuticos do pietismo e o rigoroso esquema fundamentalista firmaram padrões de leitura da Bíblia que hoje cerceiam a liberdade da consciência, não deixando nada a desejar às antigas formas de intermediação institucional. (MENDONÇA, 1990a, p. 273).

Qualquer outra forma de interpretação da Bíblia, que não seja a literalista, é identificada pelos fundamentalistas como herética. Desse modo, a Bíblia se transformou num instrumento de dominação ideológica, fundamento de um sistema de doutrinas enrijecido e ideologizado. Tal interpretação “dispensa exegetas e hermeneutas, os conhecedores das línguas originais, dos quais o protestantismo tanto se orgulhou no passado; eles já não são necessários, e os poucos que restam são colocados sob suspeita; são perigosos porque podem desestabilizar, com suas análises, o sistema ideológico / religioso vigente”. (MENDONÇA, 1990a, p. 273).

A interpretação literal da Bíblia reforçou, portanto, o que se convencionou chamar de “leitura fundamentalista”. Trata-se de uma forma de ler a Bíblia desprovida de qualquer método científico, como afirma Joseph A. Fitzmyer (1997, p. 66):

A leitura fundamentalista da Bíblia é um entendimento literalista do texto bíblico, que considera sua forma final como a expressão *verbatim* da Palavra de Deus e a vê como clara, simples e sem ambiguidade. Normalmente recusa-se a usar o Método Histórico Crítico ou qualquer outro método científico de interpretação e não leva em conta as origens históricas da Bíblia, nem o desenvolvimento de seu texto ou suas diversas formas literárias. Essa maneira de ler a Bíblia originou-se, em última instância, de uma Ênfase no sentido literal da Escritura na época da Reforma, em reação à interpretação alegórica do fim da Idade Média. (FITZMYER, 1997, p.66).

A leitura fundamentalista, portanto, não segue método algum; logo, não é pertinente denominá-la de interpretação ou hermenêutica, o que supõe a utilização sistemática de algum método. Por isso, segundo Fitzmyer (1997, p. 65-66), a Pontifícia Comissão Bíblica da Igreja Católica, no documento publicado em 1993, “A interpretação da Bíblia na Igreja”, na seção que trata sobre o tema do Fundamentalismo bíblico, decidiu utilizar o termo “leitura fundamentalista”:

A diferença é importante, pois houve uma discussão durante o planejamento desta parte do documento sobre se “fundamentalismo” deveria ou não ser posto no mesmo nível que os outros métodos e abordagens. Ficou decidido falar sobre a “leitura fundamentalista” da Bíblia. (FITZMYER, 1997, p.66).

A leitura fundamentalista da Bíblia, segundo o referido documento da Pontifícia Comissão, precisa ser tratada com o devido cuidado. Por um lado, o Fundamentalismo tem razão em insistir na inspiração divina da Bíblia, a inerrância da Palavra de Deus e as outras verdades bíblicas, inclusas nos cinco pontos fundamentais. Por outro lado, sua maneira de apresentar essas verdades enraíza-se em uma ideologia que não é bíblica, apesar do que dizem seus representantes. Ela exige uma forte adesão a atitudes doutrinárias rígidas e impõe, como fonte única de ensinamento a respeito da vida cristã e da salvação, uma leitura da Bíblia que recusa todo questionamento e toda pesquisa crítica (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 1994, p. 40).

Ao não levar em conta o caráter histórico da revelação bíblica, Fitzmyer adverte que a leitura fundamentalista não admite que a Palavra de Deus inspirada tenha sido expressa na linguagem de autores humanos, que podem ter tido

capacidades extraordinárias ou limitadas e escreveram em diversas formas literárias. Consequentemente, tende a tratar o texto bíblico como se ele tivesse sido ditado palavra por palavra pelo Espírito e considera o autor humano mero escriba que registrou a mensagem divina. (FITZMYER, 1997, p.67).

Além disso, dá indevida ênfase à inerrância de detalhes, em especial os que supostamente dizem respeito a acontecimentos históricos ou questões científicas. Ignora os problemas apresentados pelos textos hebraicos, aramaicos e gregos originais e muitas vezes se prende a determinada tradução ou edição da Bíblia. Na interpretação dos Evangelhos confunde o estágio final da tradição evangélica (o que os evangelistas escreveram, c. 65-95 d.C.) com seu estágio inicial (o que Jesus fez e disse (c. 1-33 d.C.)). Consequentemente ignora a maneira como as comunidades cristãs primitivas entenderam o impacto produzido por Jesus e sua mensagem. Por isso, esta leitura literalista da Bíblia tem pouco a ver com o sentido literal genuíno da Escritura. (FITZMYER, 1997, p. 67-68).

Dessa forma, começou-se a construir uma doutrina da inspiração na qual se elimina toda mediação humana na origem da Bíblia. Em vez de testemunhas de seres humanos, pretende-se ter nela um catálogo de proposições absolutas, de “palavras” de Deus, formuladas por Ele mesmo, normas de fé e condutas fixadas por Deus de forma completa e definitiva, que a nós cabe simplesmente aceitar e cumprir tais como foram escritas. Desligando assim a Bíblia de todo processo histórico, elimina-se dela todo vestígio de dúvida, e o texto se converte em autoridade inapelável em verdade absoluta. Manejar os textos bíblicos da maneira mais cômoda para dar uma segurança de fé, que em si é impossível, não passa de manipulação. Mas ao definir essa interpretação dos textos bíblicos, como a única possível, impondo-a, além disso, como certeza definitiva, o Fundamentalismo elimina, como se disse antes, o princípio do “livre exame”, que pretendia ser a maior característica do Protestantismo frente ao Catolicismo. (GALINDO, 1994, p. 287-288).

Na opinião de Alves, é precisamente essa estreiteza intelectual que leva à multiplicidade de seitas nesse tipo de protestantismo, porque nele não há espaço para a dúvida, e toda interpretação da religião que seja divergente da oficial é vista como rebelião. “Não é a liberdade intelectual que cria cismas, mas a falta dela”. (GLAINDO, apud ALVES, 1994, p. 287).

A interpretação literal da Bíblia, como estamos demonstrando, leva a uma leitura fundamentalista que, por sua vez, contribui para fortalecer uma visão

pessimista do tempo presente, desenvolvendo uma forte expectativa de que o fim está próximo. É o que abordamos a seguir.

3.2.2 Interpretação Escatológica e Apocalíptica⁵

Uma das características da leitura fundamentalista da Bíblia é a interpretação escatológica, (do grego *eschaton*, “fim dos tempos”), que diz respeito aos acontecimentos que irão ter lugar no fim dos tempos. E o fim está próximo, uma vez que, segundo essa interpretação, vivemos numa sociedade sem Deus, na dura servidão do pecado, sem referenciais seguros em que se possa confiar.

Na perspectiva da interpretação escatológica, os fundamentos estão nas palavras do próprio Jesus, tais como em Mc 1,15: “Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho”. (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1760)⁶. Afirmações como essa são fundamentais, alicerce inabalável para o crente em Jesus, em meio às inseguranças do tempo presente.

A interpretação escatológica parte do princípio de que o tempo é curto e urge fazer avançar a difusão da mensagem de Jesus, tão longínqua e amplamente o quanto se puder. As igrejas fundamentalistas ensinam que esse tema do fim do mundo é mencionado com frequência em todo o Novo Testamento. Citam versículos que predizem, no final dos tempos, o retorno repentino, extraordinário e visível de Cristo, conforme Mt 24,44: “Por isso, também vós ficai preparados, porque o Filho do Homem virá numa hora que não pensais” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1748); Jo 14,3: “E quando for e vos tiver preparado o lugar, virei novamente e vos levarei comigo, a fim de que, onde eu estiver, estejais vós também” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1879); At 1,11: “E lhes disseram: ‘Homens da Galileia, por que estais aí a olhar para o céu? Este Jesus, que foi arrebatado dentre vós para o céu, assim virá, do mesmo modo como o vistes partir para o céu’ ” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1901); I Ts 4,16-17: “Quando o Senhor, ao sinal dado, à voz do arcanjo e ao som da trombeta divina, descer do céu, então os mortos em Cristo

⁵ Escatologia é o ramo da teologia que se ocupa das últimas coisas: a morte, juízo, céu, inferno; no fundamentalismo os temas são: retorno do Senhor, fim do mundo e milênio. Apocalíptica é a literatura bíblica e próxima da Bíblia que fala desses temas; vai até o século III antes de Cristo. Apocalipse é o gênero literário correspondente, e compreende parte do livro de Daniel (7-13) e outros livros semelhantes, quanto à forma e ao conteúdo, ao Apocalipse de João (GALINDO, 1994, p. 294, nota de rodapé 69).

⁶ Com relação às referências bíblicas, seguimos neste trabalho a BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova Edição, Revista e Ampliada (2002).

ressuscitarão primeiro; em seguida, nós, os vivos, que estivermos lá, seremos arrebatados com eles nas nuvens para o encontro com o Senhor, nos ares. E assim, estaremos para sempre com o Senhor” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2063); Tg 5,8: “Assim, também vós, esperai com paciência e fortalecei os vossos corações, porque a Vinda do Senhor está próxima” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2111).

Os fundamentalistas afirmam que essas passagens são muito explícitas, do ponto de vista da revelação (do grego, *apokalypsis*), não dando margem à ideia (antes popular nos círculos protestantes liberais) de que o próprio Cristo não voltará, mas simplesmente que o espírito de Cristo, ou seja, a aceitação de seu ensino e a imitação de seu estilo de vida baseado no amor, voltaria de maneira crescente à terra. Não é seu ensino ou seu estilo de conduta, mas o Senhor mesmo que descerá do céu. (GRUDEM, 1999, p. 932).

Sem dúvida, a interpretação escatológica e apocalíptica da Bíblia, do ponto de vista da leitura fundamentalista, crê literalmente na *parusia* (do grego *parousia*, “vinda”), isto é, na segunda vinda de Cristo, para julgar o mundo. Trata-se de uma crença central. Muitos fundamentalistas vão muito longe para explicar em detalhes a volta física de Cristo à terra, como eles precisam se preparar para isto e o que irá acontecer para os crentes fiéis e para os pecadores impenitentes quando Jesus voltar em glória. A esse evento chamam de “o arrebatamento”, com base numa passagem de São Paulo aos Tessalonicenses, conforme 1Ts 4,16-17. (WITHERUP, 2004 p.31-32).

Segundo Galindo, a escatologia fundamentalista “pretende transmitir um conhecimento exato não só dos inícios, mas também (e sobretudo) dos últimos tempos”. Para tanto, “o fundamentalismo se apropriou da visão pré-milenarista e sua variante conhecida como *dispensacionalismo*” (GALINDO, 1994, p. 294).

O dispensacionalismo oferece um esquema apto para interpretar toda a história a partir da Bíblia e conforme o princípio de uma estrita inspiração verbal. A interpretação dispensacionalista da história é farta em suposições fantásticas, mas pode ser reduzida a alguns elementos característicos (GALINDO, 1994, p. 297-299)⁷:

- Primeiro: o nome provém da ideia de que a história das relações entre Deus e a humanidade se divide em sete períodos ou dispensações (conforme já citado em

⁷ Os quatro pontos abaixo estão baseados em GALINDO, 1994, p. 297-299.

2.2.1, “Defesa da Bíblia como único fundamento”). O último deles será o milênio do reinado de Cristo, com sede em Jerusalém, inaugurado com seu retorno e o “rpto” dos eleitos, conforme o texto de Mt 24, o Apocalipse de João e Daniel 7,1-13. Já chegamos à última dispensação, que deve começar a qualquer momento. A crescente apostasia dos cristãos (liberais), protestantes e católicos, e a fundação do Estado de Israel, são sinais evidentes de que está próxima a grande hora em que o Filho de Deus aparecerá, e no ar acontecerá o grandioso encontro.

- Segundo: a história não é obra da ação de seres humanos, mas sim da luta dualista entre o bem e o mal, que começou antes do paraíso, no céu, com a queda de Lúcifer. A luta final já começou e o drama cósmico caminha para o fim com a vitória de Cristo sobre Satanás.

- Terceiro: a verdadeira Igreja não pode ser identificada com nenhuma das grandes denominações, que caíram todas na apostasia; ela é formada apenas pelos eleitos, pelos renascidos, que sempre forma uma minoria e podem, pois, estar certos da salvação.

- Quarto: o retorno de Cristo realizar-se-á em duas fases: “a primeira fase” é o rpto ou arrebatamento da Igreja”; a segunda é a aparição gloriosa de Cristo perante toda a terra. Na primeira, Cristo virá secretamente; na segunda, publicamente. No rpto ficará no espaço; na aparição gloriosa, descerá até a terra. A fundamentação bíblica desses fenômenos encontra-se em 1Ts 4,16-17.

A interpretação literal da Bíblia, por meio da leitura fundamentalista, além de fortalecer uma visão escatológica, apocalíptica e dispensacionalista sobre a realidade, reforçará uma postura conservadora e legalista, por meio de disciplinamento rigoroso dos adeptos, para que não fujam às regras estabelecidas pelo grupo que detém o poder político interno das Igrejas. É o que trataremos a seguir, na terceira e última parte deste capítulo.

3.3 IMPLICAÇÕES NA VIDA PESSOAL, FAMILIAR E SOCIAL DOS ADEPTOS

Apesar da atração que a leitura fundamentalista exerce sobre as pessoas que procuram na Bíblia respostas prontas para problemas existenciais, alguns questionamentos podem ser levantados.

Quais implicações sociorreligiosas que o Fundamentalismo bíblico pode acarretar à vida dos adeptos? Quais os perigos dessa abordagem, segundo estudos recentes? É o que trataremos neste subtópico da presente dissertação.

3.3.1 Implicações do Fundamentalismo Bíblico na Vida Pessoal

O Fundamentalismo bíblico, que chegou ao Brasil no século XX, desenvolveu-se em um contexto de intensa urbanização e forte desenraizamento social. A modernização acelerada e caótica rompeu a antiga solidariedade rural e urbana (famílias grandes, clãs, respeito aos mais velhos, código de honra, religiosidade popular...) e não propôs nada para colocar no lugar. Enquanto esse fenômeno ocorria, uma grande quantidade de pessoas não consegue empregos decentes por falta de vagas. Daí o surgimento de uma massa urbanizada que aspira à liberdade e ao consumo, mas encontra-se socialmente marginalizada e desqualificada. “O neofundamentalismo capta essa frustração, esse ‘ódio social’ e oferece a essa geração um simulacro de respostas ao desejo de segurança e reconhecimento”. (LAMCHICHI, 1996, p. 63).

Sem dúvida, as Igrejas Fundamentalistas oferecem essa sensação de segurança aos fiéis, fragilizados que estão pela sociedade fragmentada em que vivem. As Igrejas Fundamentalistas, por meio de suas lideranças, conhecem as aspirações desses fiéis. Sabem, de algum modo, que

Todas as pessoas têm necessidades sociais, físicas e psicológicas que devem ser satisfeitas para que elas desfrutem de uma boa saúde mental. Entre as principais necessidades sociais encontra-se a necessidade de segurança, de aprovação, de ter amigos, de obter êxito ou de conseguir algo útil, e de estar livre do menosprezo social. A pessoa necessita também sentir-se segura quanto às necessidades materiais básicas, tais como o meio de ganhar a vida, um lugar onde possa morar e projetar algo para o futuro. Todo mundo necessita que alguém ou algum grupo que respeite sua individualidade e o aceite pelo que ele é. O indivíduo deseja pertencer ao grupo. Tem necessidade de ser reconhecido e de receber atenção como uma pessoa digna. Isto é, necessita de amor. (HOFF, 1996, p.19).

Por isso, as Igrejas fundamentalistas investem no proselitismo e no acolhimento dessas pessoas. Em contrapartida, exigem dos adeptos “uma forte adesão a atitudes doutrinárias rígidas e impõe, como fonte única de ensinamento a respeito da vida cristã e da salvação, uma leitura da Bíblia que recusa todo

questionamento e toda pesquisa crítica”. (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 1994, p. 40).

O impacto dessa leitura fundamentalista da Bíblia na vida dos adeptos é significativo. Do ponto de vista ideológico, favorece a consciência alienada e preconceituosa. Como adverte a Pontifícia Comissão Bíblica do Vaticano, ao tratar da “leitura fundamentalista” (1994, p. 42),

O fundamentalismo tem igualmente tendência a uma grande estreiteza de visão, pois considera conforme à realidade uma antiga cosmologia já ultrapassada, só porque encontra-se expressa na Bíblia; isso impede o diálogo com uma concepção mais ampla das relações ente a cultura e a fé. Ele se apoia numa leitura acrítica de certos textos da Bíblia para confirmar ideias políticas e atitudes sociais marcadas por preconceitos.

Sem dúvida, a abordagem fundamentalista da Bíblia “é perigosa”, pois, apesar de atraente para as pessoas que procuram respostas prontas, “pode enganá-las, oferecendo-lhes interpretações piedosas mas ilusórias”. Desse modo, “o fundamentalismo convida, sem dizê-lo, a uma forma de suicídio do pensamento”. (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 1994, p. 42).

Em outras palavras, o Fundamentalismo bíblico provoca nas pessoas uma espécie de “alienação”⁸ religiosa, pois infunde na consciência uma falsa certeza que lhes impossibilita de ver, de forma crítica e criteriosa, a realidade em que está inserido, bem como os efeitos dessa realidade sobre si mesmo. A pessoa refugia-se num mundo ilusório, bem distante do real. Sem dúvida, pode-se constatar em muitas pessoas que essa atitude gera problemas na vida do fiel diante das pressões e desafios da vida social, psicológica, e, evidentemente espiritual.

Na linha do que estamos tratando, sobre os efeitos ou impactos do fundamentalismo bíblico na vida das pessoas, um trabalho particularmente interessante, citado por Paulo Dalgarrondo, no livro “Religião, psicopatologia e saúde mental”, foi apresentado por Strawbridge e colaboradores, em 1998. Eles

⁸ “Alienação”, do verbo “alienar”, que significa tornar alheio; ceder; transferir; alucinar; apartar; desviar. Esse termo, que na linguagem comum significa perda de posse, de um afeto ou dos poderes mentais, foi empregado pelos filósofos com certos significados específicos. Se o homem é razão autocontemplativa (como pensava Hegel), toda relação sua com um objeto qualquer é alienação. Se o homem é um ser natural e social (como pensava Marx), alienação é refugiar-se na contemplação. Se o homem é instinto e vontade de viver, alienação é qualquer repressão ou diminuição desse instinto e dessa vontade. Se o homem é racionalidade (entendida de qualquer modo), alienação é refugiar-se na fantasia; mas se é essencialmente imaginação e fantasia, alienação é qualquer disciplina racional. Enfim, se o indivíduo humano é uma totalidade auto-suficiente e completa, alienação é qualquer regra ou norma imposta, de qualquer modo, à sua expressão. ABBAGNANO, 2003, p. 26-27, verbete “alienação”).

analisaram como diferentes tipos de exigências ambientais e estresses podem ser neutralizados ou acentuados pela religião. Ao estudar a relação entre depressão e envolvimento religioso em 2.537 adultos na Califórnia, esses autores notaram que a religiosidade aliviava o estresse associado a problemas financeiros e dificuldades com a saúde; entretanto, tal envolvimento tendia a acentuar os sofrimentos e conflitos decorrentes de problemas familiares. Assim, os autores formularam a hipótese de que a religião pode melhor aliviar dificuldades percebidas como oriundas “de fora” do indivíduo (como as dificuldades financeiras ou com sua saúde física), mas, em contrapartida, para as dificuldades percebidas como tendo origem “interna” à pessoa, relacionadas à percepção de falhas pessoais (ou relacionadas à sua vida pessoal, subjetiva), a religião poderia ter o efeito de intensificar as dificuldades. (DALGALARRONDO, 2008, p. 189).

O mesmo autor também salienta que tais dificuldades são potencializadas ou não, dependendo da personalidade de cada pessoa.

Assim pessoas com perfil ideológico conservador e com tendência a serem “convencionais” estariam inclinadas para certas instituições religiosas (mais organizadas e diretivas), revelando ego mais frágil e superego mais severo. Indivíduos que se sentem ameaçados ou por circunstâncias externas ou por impulsos internos tendem a aderir a fontes externas de controle mais diretivas e menos ambíguas, fornecidas por denominações religiosas mais dogmáticas. Tais formas religiosas oferecem ideologias, rituais e moralismo estritos que trazem reassuramentos para pessoas já tendentes ao conservadorismo e ao etnocentrismo. (DALGALARRONDO, 2008, p.97).

Sem dúvida, em tais pessoas que se sentem ameaçadas por circunstâncias externas, o fundamentalismo bíblico pode levar ao fanatismo religioso, que oportuniza o adoecimento mental. Como apontam as pesquisas de Dalgarrondo, “o excesso de religiosidade, o fanatismo religioso, as práticas religiosas intensas, assim como determinadas formas de religiosidade (como as espiritualistas e as religiosidades de “povos primitivos”) seriam propiciadores do adoecimento mental”. (2008, p. 147).

Esse adoecimento mental é muito frequente nos recém-convertidos, por conta da pressão exercida pela comunidade religiosa, que mantém um sistema complexo de controle dos seus membros, através de vias formais, as regras de disciplina, ou informais. Segundo Velasques, “o controle informal ainda não foi suficientemente estudado, mas apresenta aspectos tragicômicos”. O terror mental é

aquele “criado no indivíduo pelo medo de errar e ser punido, pelos conflitos externos e internos que passam a fazer parte de seu dia-a-dia, e pelo temor de voltar a pecar e perder o dom da salvação”. (VELASQUES, 1990, p. 227).

Importante salientar, por fim, que a crítica formulada aqui versa sobre o impacto do Fundamentalismo bíblico na vida de personalidades fragilizadas, que reforçam aspectos conservadores para se sentirem fortalecidas em meio às ameaças da vida cotidiana. Sabemos que a Religião também pode propiciar saúde física e mental, conforme estudos apresentados pelo autor que estamos seguindo neste trecho do trabalho. “De modo geral, têm-se encontrado associações estatísticas significativas entre maior envolvimento e crenças religiosas e menor frequência de condições como doença cardiovascular, hipertensão, doença cerebrovascular, câncer e doenças gastrintestinais, assim como associações com indicadores gerais do estado de saúde (boa saúde autorrelatada, sintomas gerais, disfunções e incapacidades, longevidades, etc.). (DALGALARRONDO, 2008, p. 177).

Passamos agora a observar tais implicações do Fundamentalismo bíblico na vida familiar dos seus adeptos.

3.3.2 Implicações do Fundamentalismo Bíblico na Vida Familiar

O fundamentalismo bíblico interfere diretamente na vida pessoal dos seus adeptos, conforme demonstramos acima. Normalmente esses adeptos estão congregados em pequenas comunidades eclesiais, que muitas vezes se reúnem nas residências dos membros para estudos bíblicos, orações ou simples confraternizações. Nesse ínterim, as intimidades estreitam-se, as conversas giram em torno de problemas familiares e pessoais e, gradativamente, é comum ocorrer um controle informal da Igreja fundamentalista sobre a família do adepto. Nesse sentido, Velasques Filho detalha aspectos facilmente constatáveis sobre essa interferência da comunidade eclesial na vida familiar. Simples aspectos percebidos na residência da pessoa podem ser passíveis de críticas, a partir do ponto de vista fundamentalista e, por meio de fofocas, podem transformar-se em denúncia:

Uma imagem religiosa exposta num dos quartos da casa é motivo de escândalo. Uma garrafa de bebida alcóolica, deixada por descuido à vista do visitante, é outro motivo de escândalo. Até mesmo um cinzeiro, mesmo que não usado há muito tempo, estimula suspeitas

de que algum dos crentes da casa esteja fumando. Móveis luxuosos ou roupas caras podem ser objeto de comentários. Uma Bíblia empoeirada revela que a família não tem vida devocional constante. Tudo isso, em pouco tempo, será do conhecimento de outros crentes e do pastor. (VELASQUES FILHO, 1990b, p. 228).

Desse modo, percebem-se evidentes interferências da comunidade eclesial fundamentalista na vida familiar dos seus adeptos. O que é certo ou errado passa a ser determinado pela Igreja a que pertence o adepto. Ela vai determinar (de maneira formal, escrita, ou informal, oral) o que deve mudar na conduta pessoal, monitorando cada crente, inclusive em sua vida privada, familiar.

O controle disciplinar é exercido por toda comunidade fundamentalista, inclusive sobre a vida familiar dos próprios pastores.

Ao mesmo tempo em que são os principais responsáveis pelo controle e aplicação da disciplina, são igualmente os mais controlados pela comunidade... A casa, a família e a vida privada ou pública do pastor são mais vigiadas que as de qualquer outro membro da comunidade. A esposa do pastor também é alvo de vigilância dobrada. Além do seu testemunho pessoal, deve estar presente a todas as atividades da comunidade... Mas os mais sacrificados talvez sejam os filhos. Eles devem ser modelo para todos, sem direito a serem crianças, ou adolescentes normais como os demais de sua idade... Além disso, em geral o pastor não tem suficiente confiança em seus colegas para tomá-los como confidentes e conselheiros. Uma confiança pode transformar-se em arma na mão do colega, em disputa de cargo eclesiástico ou em discussão doutrinária. (VELASQUES FILHO, 1990b, p. 228-229).

No caso dos neoconvertidos influenciados pelo proselitismo fundamentalista, outros problemas podem ser observados no âmbito das relações familiares. Quando o adepto se converte, pode então ser comparado ao paciente que passou por uma crise e a superou, não porque a realidade externa mudou, mas porque ele começou a interpretá-la de maneira diferente. O caos e a dor persistem, mas passaram a ter outro sentido. A conversão mudou radicalmente sua visão de mundo. A base de sua religião é o sentimento; sua fé carece ainda de conteúdo. Isso implica fortemente, também em seu relacionamento com os da família carnal, uma vez que agora, a comunidade ou igreja local passa a fazer parte da sua vida integralmente. (GALINDO, 1994, p.261-262).

O rompimento mais doloroso é com o conceito de família. A família carnal (pais, filhos, tios, sobrinhos, irmãos, primas) passa a ter seu valor relativizado e, por vezes, negado, caso não pertença à mesma comunidade de fé. Segundo uma leitura fundamentalista de Mc 3,31-35, a verdadeira família carnal de Jesus (e,

consequentemente dos seus adeptos), passa a ser a nova comunidade religiosa recém-adotada. Sempre que houver conflito de valores entre a família carnal e a família da fé, deverão prevalecer os valores dessa última, pois ela passou a ser a nova ordem normativa e a legítima vontade de Deus. Os verdadeiros amigos e companheiros de todas as horas serão os membros da comunidade da fé, especialmente aqueles da mesma faixa etária, sexo e nível social. Entre os jovens, a escolha do futuro cônjuge deverá ser feita dentro da mesma comunidade ou da mesma denominação. (VELASQUES FILHO, 1990b, p.226).⁹

Ainda no contexto familiar, por conta do Fundamentalismo bíblico, percebe-se um alto índice de violência no seio da família por conta do fanatismo religioso. Ricardo Gondim, em seu livro “É proibido: o que a Bíblia permite e a Igreja proíbe”, relata que, em alguns casos, o zelo pela defesa de usos e costumes chega, sim, às raias do fanatismo. “O Globo”, em 2 de abril de 1992, e “O Jornal da Bahia”, em 3 de abril de 1992, relataram uma pesquisa feita pela ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência) do Rio de Janeiro. Constatou-se que 33% dos casos registrados de agressão física contra menores ocorreram em razão do “fanatismo religioso”. O sociólogo Ricardo Mariano escreveu para a ABRAPIA e recebeu de uma funcionária evangélica uma resposta preocupante: O tema em questão – ‘violência contra criança por motivos e com justificativas bíblico-religiosas’, é sumamente complexo... Na maioria das vezes, a violência começa com a privação da criança e sobretudo do adolescente à vida social. A privação de participar de festinhas, ir ao cinema, ver TV, sair com os amigos, acaba numa relação pais-filhos/filhas muito conflitiva. A justificativa dos pais, nesses casos, é proteger a criança das perversidades do mundo e preservá-las para Deus. Para isso, vale até surrá-las, trancá-las, tirá-las da escola, etc. (GONDIM, 1998, p.14).

A relação marido-mulher pode sofrer duras consequências sob o impacto do Fundamentalista bíblico. Há muitos trechos neotestamentários que, interpretados ao pé da letra, podem fortalecer o machismo e, em muitos casos, levar à violência

⁹ Interessante notar neste ponto referente à relativização que a leitura fundamentalista da Bíblia faz da família, que não se mencionam outras passagens do Novo Testamento em que, por exemplo, a família é valorizada. Podemos lembrar 1 Tm 5,8, que ressalta a importância da família para os que aderem à fé cristã: “Se alguém não cuida dos seus, e sobretudo dos da própria casa, renegou a fé e é pior do que o incrédulo”. (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2072). Desse modo, pode-se inferir que a escolha de certos textos é feita segundo um único critério, que é o de fundamentar o que se pretende defender.

doméstica. O que dizer de frases como estas de Ef 5,22-23, pincelados do seu contexto literário: “As mulheres estejam sujeitas aos maridos, como ao Senhor, porque o homem é cabeça da mulher, como Cristo é cabeça da Igreja e o salvador do corpo. Como a Igreja está sujeita a Cristo, estejam as mulheres em tudo sujeitas aos maridos”. (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 2045-2046).

Desse modo, a superioridade (que muitas vezes desemboca em comportamentos agressivos) do homem sobre a mulher é justificada biblicamente, e a mulher mantém o mesmo *status* tradicional de submissão ao marido, tal qual era a concepção no mundo pré-moderno. Segundo Paul Hoff, em seu livro “O Pastor como Conselheiro”, “para ter harmonia e paz na família, Deus determinou que a esposa faça duas coisas: sujeite-se ao seu marido e respeite-o... A palavra “respeitar” quer dizer reconhecer o valor e autoridade do esposo”. (HOFF, 1996, p. 98-99).

Nessa linha, a biblista feminista Ivoni Richter Reimer afirma que

A história interpretativa, que até o século XX foi feita apenas por homens, perdeu a oportunidade de refletir concretamente sobre a história de mulheres que, sendo sabedoras, continuam inquietas e, portanto, coniventes com ações corruptas e violentas praticadas por seus maridos (ou também pais e irmãos) dentro de casa e em espaços públicos (REIMER, 2011, p. 86).

Outras implicações provocadas pelo Fundamentalismo bíblico no seio familiar poderiam ser abordadas, mas, para os nossos objetivos neste trabalho, o que apresentamos acima já adverte para a gravidade do problema. A seguir, vejamos as repercussões desse Fundamentalismo na vida em sociedade.

3.3.3 Implicações do Fundamentalismo bíblico na vida social

A leitura fundamentalista dos Textos Sagrados tem acarretado, ao longo da história, sérias repercussões na vida em sociedade. Na melhor das intenções de se buscar agir a partir de critérios fundamentados literalmente na “Palavra de Deus”, muitas vidas humanas foram ceifadas, ao longo dos séculos, por conta desse Fundamentalismo.

Seguindo algumas considerações do biblista Fr. Carlos Mesters, em seu artigo “Fundamentalismo, religião, ética e transformação social”, podemos afirmar

que: a) Guerras no presente e no passado nasceram e continuam nascendo de interpretações fundamentalistas dos Textos Sagrados, tanto da Bíblia como do Alcorão; b) A destruição de grande parte da religião e da cultura dos povos indígenas da América Latina no século XVI estava baseada numa leitura fundamentalista do livro de Josué; c) O fundamentalismo cristão levou à Inquisição, às excomunhões e à morte de muitas pessoas na fogueira; d) A política do *apartheid*, na África do Sul, era baseado numa leitura fundamentalista da Bíblia; e) O fundamentalismo muçulmano leva jovens a transformar-se em bombas vivas para matar os outros em atentados terroristas suicidas; f) O fundamentalismo judeu, há alguns anos atrás, levou um ortodoxo, após a leitura do livro de Ester, a matar uma dezena de muçulmanos em Hebron, junto ao túmulo de Abraão e Sara. (MESTERS, 2007, p. 95-96).

Esses exemplos demonstram que o Fundamentalismo bíblico tem um impacto importante na consciência e, conseqüentemente, no comportamento moral e ético das pessoas, influenciando não só o contexto sociorreligioso, como também o socioeconômico e sociopolítico.

A proliferação do Fundamentalismo religioso e, de modo particular, do Fundamentalismo bíblico, deve-se – sem dúvida – ao trabalho empreendido pelas Instituições que disseminam essa ideologia na sociedade. Tais instituições transmitem para a sociedade insegura e em crise, a imagem de segurança, fortalecidas que estão em suas convicções alicerçadas em seus textos sagrados, interpretados literalmente como “Palavra de Deus”.

Nessa linha, o biblista norte-americano Ronald D. Witherup (2004, p. 89) apresenta uma razão sociológica para a atração do Fundamentalismo. Segundo ele, os sociólogos apontam para o fenômeno de grupos fortes e grupos fracos na sociedade. Uma provável razão para o forte apelo do fundamentalismo em um mundo complexo e mutável é o fato que ele exhibe características de um grupo “forte”. É possível sintetizar tais características sobre seis títulos: a) Forte compromisso; b) disciplina; c) zelo missionário; d) absolutismo; e) conformidade a determinada ideologia; f) fanatismo. Estes indicadores de um grupo forte se situam em oposição direta a grupos “fracos”, os quais exibem: a) relativismo; b) diversidade; c) hesitação; d) individualismo; e) falta de desejo de que as ideias de uns sejam expostas aos outros.

Em uma sociedade vulnerabilizada e em crise (universo simbólico diluído, relativização de valores, modernismo exagerado, desprezo à tradição), constituída de grupos fracos, obviamente os grupos fundamentalistas têm atrativos, sobretudo para pessoas fragilizadas pelo contexto social em que vivem. Esses grupos fundamentalistas, por meio de suas instituições (Igrejas), têm cada vez mais visibilidade social. (WITHERUP, 2004, p. 89).

Reforçada por seu crescente número de adeptos, sobretudo no contexto de agravamento da crise social, as Igrejas fundamentalista apresentam postura essencialmente contracultural, conservadora dos valores expressos na Palavra de Deus, o que reforça tanto sua identidade quanto sua tendência a separar a si mesma da modernidade. Ultimamente procura estar presente em todos os âmbitos da sociedade, inclusive – e sobretudo – na política partidária.

De acordo com Carlos Tadeu Siepierski, a participação evangélica na política tinha sido inexpressiva até a década de 1980. Até então, os evangélicos elegeram apenas alguns deputados a partir da década de 30 (um Constituinte metodista em 1934, e um em 1946). Conheceram um período de ebulição antes do golpe de 1964, inclusive com uma esquerda articulada mas, no todo, não passaram de uma presença marginal e discreta. Os pentecostais caracterizaram-se por uma autoexclusão da política, exceção feita a algumas incursões eleitorais da Igreja fundamentalista “O Brasil para Cristo” antes de 1964. No entanto, com o processo de redemocratização no início da década de 80, os evangélicos intensificaram a participação na política partidária. A novidade foram os pentecostais, que de dois deputados em 1982 saltaram para vinte em 1986. Desses vinte, treze pertenciam à Assembleia de Deus. Mas foi a partir das eleições de 1986, para a Assembleia Nacional Constituinte, que assistimos a um forte incremento da presença evangélica na política. O grupo de parlamentares evangélicos eleito nessa ocasião, tornou-se conhecido como a “bancada evangélica”. Na elaboração da Constituição (1987-1988), a ação dos evangélicos chamou a atenção da sociedade, alcançando uma visibilidade até então inédita. (SIEPIERSKI, 2003, p. 116-118).

A “bancada evangélica” teve uma atuação controvertida e polêmica na Constituinte, principalmente no que diz respeito a questões relacionadas com a moral. Também teve atuação controvertida, no que diz respeito a seus métodos. Isso ficou claro no episódio da votação da duração do mandato do Presidente Sarney, onde foi feita uma grande negociação envolvendo a distribuição de concessões de

rádio e televisão, visando angariar apoio para a proposta de cinco anos de mandato. (SIEPIERSKI, 2003, p. 116-118).

A partir de então, além da presença cada vez mais forte na política, as Igrejas Protestantes fundamentalistas se apropriaram definitivamente do espaço midiático através do rádio, televisão e jornal, para a difusão dos seus ideais evangélicos fundamentalistas.

A presença do protestantismo fundamentalista na televisão começa a partir da segunda metade da década de 1970, quando chegam ao Brasil programas de famosos pregadores pentecostais norte-americanos, que passaram a ser veiculados nas mais diferentes redes de televisão. O primeiro deles foi o tele-evangelista Pat Robertson, com o programa “Clube 700”, mas um dos mais famosos foi Rex Humbard, que estreou com o programa dominical na TVS, atualmente SBT, em 1975. Esse programa atraiu logo a atenção dos evangélicos das mais diferentes denominações, e quando o referido pregador veio ao Brasil, em 1978, para sua estreia ao vivo, 80 mil pessoas lotaram o estádio do Pacaembu, em São Paulo, e 100 mil pessoas lotaram o Maracanã, no Rio de Janeiro. Seus programas eram produzidos nos Estados Unidos e veiculados em vários países, entre eles, o Brasil. Posteriormente foi veiculado pela TV Manchete até 1984, quando saiu do ar por falta de recursos financeiros. Seguindo Rex Humbard, outros tele-evangelistas também começaram a veicular seus programas nas emissoras brasileiras de televisão. Entre eles, estava Jimmy Swaggart, com programas apresentados pelas redes Record e Manchete. (SIEPIERSKI, 2003, p. 144,145).

O rádio também foi outra estratégia usada pelas Igrejas fundamentalistas em suas pregações. Podemos citar vários pregadores que usaram e ainda usam desse meio com grande êxito em suas atuações. Por exemplo, o Bispo Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, também se utilizou intensamente do rádio, desde o início, para conseguir um crescimento significativo do seu movimento. Começou comprando espaços na programação de várias emissoras e, em pouco tempo, adquiriu o controle de algumas delas. A primeira aquisição ocorreu em 1984, com a compra da Rádio Copacabana, do Rio de Janeiro, tradicional emissora carioca desde os anos de 1940. Posteriormente, passa a utilizar a televisão, comprando espaços junto a várias emissoras, como Bandeirantes, Manchete e Record. Utilizando a televisão como principal meio de proselitismo, Macedo introduziu uma novidade: os cultos televisionados ao vivo. O passo mais audacioso

foi a compra de uma emissora de TV própria, a Record, de São Paulo, em 1989, a qual segue até hoje, com características de uma emissora comercial, inserindo-se no disputado mercado empresarial dos meios de comunicação, tornando-se inclusive uma rede nacional de televisão. (SIEPIERSKI, 2003, p. 145-146).

No Brasil, temos outros exemplos de pregadores fundamentalistas, os quais se tornaram mais conhecidos que sua própria Igreja por usarem a mídia de modo sistemático: David Miranda, da Igreja Deus é Amor; R. R. Soares, da Igreja Internacional da Graça de Deus; o apóstolo Valdemiro Santiago, da Igreja Mundial do Poder de Deus, entre outros. Todos estão agora também nas chamadas Redes Sociais.

A presença dos evangélicos na mídia é o que se convencionou chamar de “Igreja eletrônica” (IE). O fenômeno da chamada Igreja eletrônica (IE) deve ser situado nesse contexto, porque seu desenvolvimento compensou deficiências que o Fundamentalismo, tanto no religioso como no político, talvez não tivesse superado sem esse recurso. No religioso, porque, ao difundir o Fundamentalismo, a IE é hoje para muitos a guardiã da verdadeira religião. No político, porque, apesar das diferenças entre os diversos tele-evangelistas e seus programas, quase todos eles infundem as ideias de uma nova direita cristã, que se converteu no movimento ideológico com acesso ao meio de comunicação mais eficaz de todos os tempos para divulgar suas ideias, e conta por isso com um instrumento de poder incalculável. Sua capacidade de influência pode ser medida pela extensa rede de estações e programas, por seu poderio econômico e pela imagem que divulga dos tele-evangelistas e dos políticos ligados a ela. (GALINDO, 1994, p. 325-326).

Como demonstramos até agora, o Fundamentalismo bíblico protestante prima em causar impacto nas pessoas e em suas famílias, marcando definitivamente sua presença controversa na sociedade. É um fenômeno mundial, muito presente no Brasil, sobretudo no meio protestante conservador. Contudo, como afirma Leonardo Boff, “nem todos os protestantes conservadores são fundamentalistas”. Muitos buscam fidelidade à Reforma Protestante. O reformador Lutero já afirmava: a Bíblia toda tem a Deus como autor, mas suas sentenças devem ser julgadas a partir de Cristo. Ele é a Palavra feita carne. A Palavra feita carne é critério para a Palavra feita livro... A Bíblia é a Palavra de Deus, mas está expressa nas muitas palavras humanas, que variam de autor para autor... Os conteúdos e os estilos são diferentes e essa diferença só pode ser entendida na pressuposição de que os autores e suas

condições históricas eram diferentes. Sem respeitar e compreender essa diversidade, corremos o risco de não entender a mensagem bíblica. (BOFF, 2009, p. 13-14).

Esse é, sem dúvida, o grande problema do Fundamentalismo bíblico protestante, objeto do nosso estudo. Sabemos que o assunto não foi esgotado, mas esperamos ter contribuído para fomentar o interesse por novas pesquisas, sobretudo no Brasil.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, vimos que o Fundamentalismo bíblico é um tema de grande importância e, ao mesmo tempo, de bastante complexidade, em nosso contexto sociorreligioso. No primeiro capítulo, apresentamos o Fundamentalismo em seus conceitos, para, em seguida, demonstrar a origem do Fundamentalismo bíblico e seu desenvolvimento ao longo da história.

De um modo geral, Fundamentalismo tem a ver com a busca dos fundamentos. O fenômeno tem como característica essencial proporcionar aos indivíduos desenraizados, fragilizados e inseguros, o apoio, os fundamentos materiais que lhe proporcionam a sensação psíquica de segurança. O problema é que o fundamentalismo decreta certezas que são questionáveis.

Desse modo, a base do fundamentalismo não é apenas contraditória em si mesma, mas explica, também, o motivo que levou os movimentos fundamentalistas a não admitirem qualquer crítica desfavorável, uma vez que atinge, necessariamente, a imposição irrefletida das pretensas verdades defendidas. Quem se sente portador de uma verdade absoluta, como os inseridos em movimentos fundamentalistas, não pode tolerar outra verdade, e seu destino é a intolerância, que gera o desprezo do outro, e o desprezo, a agressividade, a guerra contra o erro a ser combatido e exterminado. Irrompem conflitos ideológicos com incontáveis vítimas.

O Fundamentalismo encontra campo fértil na Religião, em suas diversas expressões e instituições. Surge tipicamente onde o ritmo da modernidade ameaça se tornar opressivo. Os fundamentalistas muçulmanos, judeus, hindus e budistas acreditam todos em absolutos diferentes, mas todos eles têm a função sociocultural similar de criar limites do passado à incontrolável promiscuidade do comportamento e pensamento modernos. O sucesso do Fundamentalismo Religioso talvez ocorra porque as religiões falam com uma autoridade absoluta. Essa autoridade não é expressa somente através de palavras e conceitos, doutrinas e dogmas, mas também através de símbolos e orações, ritos e festas, e isso de forma racional e emocional.

Com a escrita, algumas religiões passaram a criar textos considerados sagrados, transformando-os em referencial para a formação dos seus adeptos. O problema é que esses textos passaram a ser estudados a partir de uma leitura fundamentalista. De fato, no caso do Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, observamos a presença de um fundamentalismo muito forte, baseado em suas Sagradas Escrituras.

No que diz respeito ao Cristianismo, a interpretação crítica da Bíblia a partir dos modernos métodos exegéticos tem sido um procedimento necessário para uma hermenêutica atualizada dos Textos Sagrados. Contudo, apesar de todo o esforço da interpretação crítica da Bíblia, o Fundamentalismo dentro do Cristianismo não se interessa por uma compreensão crítica da Bíblia, mas tem como objetivo assegurar e tornar infalíveis determinadas ideias, posições e doutrinas preconcebidas e bem definidas, valendo-se da Bíblia. Em outras palavras, a Bíblia foi rebaixada à condição de mero depósito de munição para a guerra ideológica contra o adversário teológico ou político, e para melhor armar-se ideologicamente, invocando Deus como aliado de sua causa.

O Fundamentalismo bíblico teve suas origens nos Estados Unidos, especialmente entre os calvinistas que chegaram da Holanda e da Inglaterra, no século XVII, denominados *Pilgrims*, Peregrinos, expulsos de seus países de origem por volta de 1620, por exigirem reformas no Cristianismo. No final do século XIX e princípio do século XX, o Fundamentalismo ressurgiu, nos Estados Unidos, de forma mais organizada. Após a guerra civil de 1861-1865, em que norte e sul se combateram ferozmente, eram muitas as carências sociais. A guerra deixou cidades inteiras em ruínas, famílias despedaçadas e os brancos do sul revoltados; os estados do norte conheceram a rápida e dolorosa transição de uma sociedade agrária para uma sociedade industrializada. Novas cidades foram construídas, velhas cidades cresceram demasiadamente. Levas e levadas de imigrantes, procedentes do sul e do leste da Europa, desembarcaram no país. Capitalistas fizeram fortunas imensas, com ferro, petróleo e aço, enquanto os operários viviam abaixo do nível de subsistência. Os Estados Unidos estavam tornando-se um país sem alma.

Foi nesse contexto que protestantes das mais diversas filiações se uniram em torno de ações voluntárias, de cunho assistencialista, em presídios e fábricas, entre outros espaços. Defendiam os liberais que a Religião Cristã deveria

manifestar-se pelas ações humanitárias que evidenciassem os valores de fraternidade expostos no Evangelho, o amor a Deus seria mostrado no serviço ao próximo. Não eram necessárias liturgias ou Escrituras, e os cristãos deveriam abdicar de sua pretensão ao monopólio da verdade. Além disso, os liberais eram sensíveis aos influxos decorrentes do que então era chamado “Crítica Superior”, ramo da Ciência Bíblica muito em voga no século XIX, particularmente na Alemanha, preocupado em datar os textos bíblicos, situando-os ao longo da história de Israel e do Cristianismo dos séculos I e II, estabelecer suas fontes e autores, identificar seus gêneros literários, relacioná-los uns com os outros e com Tradições Religiosas e literárias semelhantes. Protestantes conservadores reagiram a essas concepções liberais, combatendo-as como um perigo à fé cristã.

Em 1883 surge a primeira série de conferências de verão, que se estenderiam até 1895, no acampamento bíblico Niagara Falls, que congregavam teólogos britânicos, estadunidenses e canadenses, em torno de postulados que contestavam de frente as interpretações advindas da crítica histórica aplicada à Bíblia. Nesse ínterim, várias instituições surgiram em contraposição aos liberais. Em 1895, no final do encontro no acampamento bíblico *Niagara Falls*, foram definidos os cinco princípios ou fundamentos do protestantismo conservador, que se tornou um marco no estabelecimento fundamentalista: (1) a infalibilidade das Escrituras; (2) a divindade de Cristo; (3) o nascimento virginal de Jesus; (4) a remissão dos pecados da humanidade pela crucificação de Jesus; (5) a ressurreição de Jesus como fato objetivo e a certeza de seu retorno no fim dos tempos.

Tais pressupostos reapareceram em 1910, assumidos por teólogos das mais diversas confissões protestantes, e que alcançou enorme repercussão. Naquele ano, estendendo-se até 1915, foi publicada uma série de panfletos intitulados *The Fundamentals – A Testimony to the Truth* (Os Fundamentais – um testemunho em prol da Verdade). Com essa obra, os conservadores propunham um Cristianismo extremamente rigoroso, ortodoxo, dogmático, como orientação contra a avalanche de modernização de que era tomada a sociedade norte-americana. Esses conservadores passaram a ser chamados de “fundamentalistas” só a partir de 1920, quando um jornalista batista do norte, de nome Curtis Lee Laws, cunhou o termo “fundamentalista” com referência àqueles que aderiram a essas doutrinas religiosas fundamentais, e um grupo batista assumiu o rótulo como uma autodesignação.

Nesse ambiente de crise, em meio às controvérsias entre Conservadores e Liberais, nasce e se desenvolve aquilo que conhecemos, hoje, como Fundamentalismo bíblico.

No segundo capítulo desta Dissertação, cujo objetivo foi apresentar o Fundamentalismo bíblico no Brasil, fizemos uma retrospectiva histórica de como esse Fundamentalismo aqui se instalou, por meio da chamada “Era Missionária”, movimento que teve início nos Estados Unidos, pela metade do século XIX, e se expandiu junto à população latino-americana. Seus pioneiros foram os presbiterianos e os metodistas. Esse movimento ganha impulso no final do século XIX, por meio das chamadas “Igrejas Livres”, que deram origem às Igrejas Pentecostais.

O Protestantismo de Missão, proveniente dos Estados Unidos no século XIX, chegou com a decisão de ganhar adeptos entre a população do Continente, já batizada, em sua grande maioria, na Igreja Católica. O esforço expansionista, resultante do período de ebulição religiosa, possibilitou o desenvolvimento de projetos cooperativos entre as várias Igrejas Protestantes, cujo objetivo era traduzir e imprimir bíblias, que, posteriormente, seriam utilizadas pelas mais diferentes Igrejas nas suas atividades proselitistas. Nas regiões onde o proselitismo protestante encontrava barreiras, como o caso do Brasil, a atividade missionária se fazia através da distribuição de bíblias, o que veio a se tornar uma importante estratégia proselitista protestante.

No início do século XX, as missões se tornam mais intensas. Nesse ínterim, o Fundamentalismo bíblico, no Brasil, foi-se difundindo, em grande parte, como consequência: a) do trabalho proselitista das missões protestantes norte-americanas; b) do conservadorismo presente em setores das Igrejas protestantes históricas; c) da expansão vertiginosa das Igrejas pentecostais.

Nas Igrejas pentecostais, a utilização da Bíblia cumpre o papel de suprir a falta de uma tradição própria dessas Igrejas. Sem a Bíblia, tais Igrejas não teriam como definir sua identidade e justificar sua atuação. Daí a necessidade de defender a Sagrada Escritura de tudo o que poderia debilitar sua autoridade infalível, como a crítica levantada pela exegese moderna. De fato, os avanços na área da pesquisa bíblica foram rechaçados pela leitura fundamentalista, que considera a letra da Bíblia como Palavra de Deus absoluta e completa. Segundo os fundamentalistas, Deus

ditou o conteúdo para seus autores, palavra por palavra, por intermédio do Espírito Santo.

Desse modo, a leitura fundamentalista da Bíblia é um entendimento literalista do texto bíblico, que considera sua forma final como a expressão verbal da Palavra de Deus, e a vê como clara, simples, e sem ambiguidade. Recusa-se a usar qualquer método científico de interpretação, e não leva em conta as origens históricas da Bíblia, nem o desenvolvimento de seu texto ou suas diversas formas literárias.

Ainda, pode-se afirmar que, no Fundamentalismo bíblico, a Sagrada Escritura assume, assim, a condição de fonte exclusiva de todo conhecimento, não apenas teológico. Igreja e mundo passam a depender, conseqüentemente, da interpretação literal do texto bíblico. Qualquer alternativa deve obrigatoriamente traduzir a intenção de negação, ou mesmo destruição, da revelação divina e da civilização cristã. A investigação científica das escrituras, a crítica bíblica, é um desses perigos. Trata-se, nessa linha de raciocínio, de uma iniciativa auto-aniquiladora, uma vez que parte do interior da própria Igreja cristã. A melhor solução para o “problema” vem através da defesa ferrenha da interpretação literalista da Bíblia.

A defesa da Bíblia, como único fundamento, se baseia em outras doutrinas que, somadas aos cinco princípios fundamentais da fé cristã (a inerrância verbal da Escritura; a divindade de Cristo; seu nascimento virginal; a doutrina da expiação vicária; e a ressurreição corporal quando da segunda vinda de Cristo), corroboram com o pensamento fundamentalista. A Bíblia, concebida como único fundamento, exige, da parte dos fiéis, firme adesão a tudo o que está nela escrito. Não há espaço para questionamentos ou interpretações críticas, uma vez que é a Palavra de Deus, única fonte de ensinamento sobre a vida cristã e a salvação.

De um modo geral, pode-se afirmar que o Fundamentalismo é uma tentativa desesperada de autoterapia de uma cultura que adoeceu da dúvida fundamental diante de si mesma. Isso ocorreu em meio à propalada crise da modernidade, que pôs em polvorosa as Instituições que até então detinham o poder no campo econômico, político, educacional e religioso.

Do ponto de vista sociorreligioso, as conseqüências do Fundamentalismo bíblico são inúmeras, tais como: intolerância para com denominações religiosas tidas

como liberais; fanatização pela Sagrada Escritura e pelas lideranças carismáticas; e absolutização do Texto bíblico, como Verdade absoluta.

No terceiro e último capítulo, levantamos algumas consequências diretas desse Fundamentalismo bíblico no modelo de Igreja que adota seus ideais, no modo de interpretar a Bíblia, e na vida pessoal, familiar e social dos seus adeptos.

O modelo de Igreja que tem por base o Fundamentalismo bíblico apresenta algumas características próprias, tais como uma ferrenha oposição à Modernidade e, conseqüentemente, um forte conservadorismo. A Modernidade é o grande inimigo na visão fundamentalista, responsável pela sabotagem de valores cristãos tradicionais, tais como a “perda de Deus” e a conseqüente degradação moral da sociedade. A postura conservadora das Igrejas Fundamentalistas opõe-se a aspectos da Modernidade interpretados como agressivos e destruidores das tradições. Assim, tais Igrejas desenvolvem um conservadorismo combativo. Elas não vêem essa luta como uma batalha política convencional, e sim como uma guerra cósmica entre as forças do bem e do mal. Temem a aniquilação e procuram fortificar sua identidade através do resgate de certas doutrinas e práticas do passado. Para evitar contaminação, geralmente se afastam da sociedade e criam uma contracultura, tentando ressacralizar um mundo cada vez mais secularizado.

O modo de interpretar a Bíblia do Fundamentalismo é literalista. Qualquer outra forma de interpretação, que não seja essa, é identificada pelos fundamentalistas como herética. Desse modo, a Bíblia se transformou num instrumento de dominação ideológica, fundamento de um sistema de doutrinas enrijecido e ideologizado. Tal interpretação “dispensa exegetas e hermeneutas, os conhecedores das línguas originais, dos quais o protestantismo tanto se orgulhou no passado; eles já não são necessários, e os poucos que restam são colocados sob suspeita; são perigosos porque podem desestabilizar, com suas análises, o sistema ideológico / religioso vigente”. A interpretação literal da Bíblia reforçou, portanto, o que se convencionou chamar de “leitura fundamentalista”. Trata-se de uma forma de ler a Bíblia desprovida de qualquer método científico, que contribui para fortalecer uma visão pessimista do tempo presente, desenvolvendo uma forte expectativa de que o fim está próximo.

Assim, a leitura Fundamentalista da Bíblia exerce uma forte influência sobre pessoas fragilizadas, que procuram respostas prontas para problemas existenciais. O impacto dessa leitura na vida dos adeptos é significativo. De imediato, pode-se

perceber, do ponto de vista ideológico, que favorece à consciência alienada e preconceituosa. O fundamentalismo tem tendência a uma grande estreiteza de visão, pois considera conforme à realidade uma antiga cosmologia já ultrapassada, só porque encontra-se expressa na Bíblia. A pessoa refugia-se num mundo ilusório, bem distante do real. Essa atitude gera problemas na vida do fiel diante das pressões e desafios da vida social, psicológica, e, evidentemente espiritual.

O excesso de religiosidade, o fanatismo religioso, as práticas religiosas intensas, assim como determinadas formas de religiosidade (como as espiritualistas e as religiosidades de “povos primitivos”) seriam propiciadores do adoecimento mental, por conta da pressão exercida pela comunidade religiosa, que mantém um sistema complexo de controle dos seus membros, através de vias formais (tais como regras de disciplina) e informais.

O fundamentalismo bíblico, ao interferir diretamente na vida pessoal dos seus adeptos, também interfere em sua vida familiar. Por exemplo, a relação marido-mulher pode sofrer duras consequências sob o impacto do Fundamentalista bíblico. Há muitos trechos neotestamentários que, interpretados ao pé da letra, podem fortalecer o machismo e, em muitos casos, levar à violência doméstica. Desse modo, a superioridade (que muitas vezes desemboca em comportamentos agressivos) do homem sobre a mulher é justificada biblicamente, e a mulher mantém o mesmo *status* tradicional de submissão ao marido, tal qual era a concepção no mundo pré-moderno.

O Fundamentalismo bíblico vai além da esfera pessoal e familiar, e interfere na sociedade. Guerras no presente e no passado nasceram e continuam nascendo de interpretações fundamentalistas dos Textos Sagrados. A proliferação do Fundamentalismo religioso e, de modo particular, do Fundamentalismo bíblico, deve-se – sem dúvida – ao trabalho empreendido pelas Instituições que disseminam essa ideologia na sociedade. Tais instituições transmitem para a sociedade insegura e em crise, a imagem de segurança, fortalecidas que estão em suas convicções alicerçadas em seus textos sagrados, interpretados literalmente como “Palavra de Deus”.

Reforçada por seu crescente número de adeptos, sobretudo no contexto de agravamento da crise social, as Igrejas fundamentalista apresentam postura essencialmente contracultural, conservadora dos valores expressos na Palavra de Deus, o que reforça tanto sua identidade quanto sua tendência a separar a si

mesma da modernidade. Ultimamente procura estar presente em todos os âmbitos da sociedade, inclusive – e sobretudo – na política partidária. Além da presença cada vez mais forte na política, as Igrejas Protestantes fundamentalistas se apropriaram definitivamente do espaço midiático através do rádio, televisão e jornal, para a difusão dos seus ideais evangélicos fundamentalistas.

Como demonstramos ao longo deste trabalho, o Fundamentalismo bíblico protestante prima em causar impacto nas pessoas e em suas famílias, marcando definitivamente sua presença controversa na sociedade. É um fenômeno mundial que está presente dentro do Cristianismo e em outras Religiões, e muito presente no Brasil, sobretudo no meio protestante conservador.

Estamos cientes que o tema sugere mais aprofundamentos. Futuras investigações poderiam analisar em mais profundidade o impacto do Fundamentalismo bíblico na vida pessoal, familiar e social dos seus adeptos. Encontramos poucos subsídios sobre a temática, especialmente no Brasil, o que torna evidente um campo fértil para a pesquisa no campo epistemológico das Ciências da Religião, por meio de suas diversas abordagens.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus: o fundamentalismo no Judaísmo, no Cristianismo e no Islamismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 583p.
- BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL**, Trad. Em português por João Ferreira de Almeida, Rio de Janeiro: CPAD, 1995. 2030 p.
- BÍBLIA DE ESTUDO SCOFIELD**. São Paulo: Holy Bible, 2009. 1355 p.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM**. Nova Edição, Revista e Ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOFF, Leonardo. **Fundamentalismo, terrorismo, religião e paz: desafio para o século XXI**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. 110 p.
- BOFF, Leonardo. **Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002. 91p.
- BROWN, Colin. **Filosofia e Fé Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2007. 279p.
- CAMPOS Jr., Luis de Castro. **Pentecostalismo e transformações na sociedade: a igreja avivamento bíblico**. São Paulo: Annablume, 2009. 166p.
- CHAMPLIN, Russell Norman. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia, v. 1. São Paulo: Candeia, 1991. 1039p.
- CORREIA JÚNIOR, João Luiz. Fundamentalismo, Religião, Ética e Transformação Social. Como buscar e encontrar os fundamentos da vida. In: SOTER. **Religião e Transformação Social no Brasil Hoje**. São Paulo: Paulinas, 2007. 446p.
- COSTA, Marcos Roberto Nunes. **Como normatizar trabalhos acadêmicos: projetos, monografias e artigos**. 2. Edição. Recife: Fundação Antonio dos Santos Abranches, 2013. 130p.
- DALGALARRONDO, Paulo. Religião, psicopatologia e saúde mental. Porto Alegre: Artmed, 2008, 288p.
- ECKMAN, James P. **Panorama da história da Igreja**. São Paulo: Vida Nova, 2005. 131p.
- FITZMYER, Joseph A. **A Bíblia na Igreja**. São Paulo: Loyola, 1997. 107p.
- FLICKINGER, Hans-Georg. Apresentação. In: DE BONI, Luis Alberto (Org.). **Fundamentalismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. 76p.

GAARDE, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O Livro das Religiões**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000. 315p.

GALINDO, Florêncio. **O fenômeno das seitas fundamentalistas**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. 532p.

GELLNER, Ernest. **Pós-Modernismo razão e religião**. São Paulo: Instituto Piaget, 1992.

GIBELLINI, Rosino. **A Teologia do século XX**. São Paulo: Loyola, 1998.

GONDIM, Ricardo. **É proibido: o que a Bíblia permite e a igreja proíbe**. São Paulo: Mundo Cristão, 1998. p. 183.

GRUDEM, Wayne A. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999, 1046p.

HOFF, Paul. **O pastor como conselheiro**. São Paulo: Vida, 1996. 288p.

KÜNG, Hans. **Projeto de Ética Mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana**. São Paulo: Paulinas, 1993.

KÜNZLI, Arnold. Fundamentalismo – a passagem de volta da história. In: Luis Alberto De Boni (Org). **Fundamentalismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. 75p.

LAMCHICHI, Abderrahim. **Fundamentalismo muçulmano e direitos humanos**. In: Fundamentalismos, integristas: uma ameaça aos Direitos Humanos. São Paulo: ACAT, 1996. 149p.

LIMA, Elinaldo Renovato. **Ética Cristã: confrontando as questões morais do nosso tempo**. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 256p.

LOPES, Augustus Nicodemus. **O que estão fazendo com a Igreja: Ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008. 201 p.

MADURO, Otto. Fundamentalismos. In: SOTER; AMERÍNDIA (Org.). **Caminhos da Igreja na América Latina e no Caribe: novos desafios**. São Paulo: Paulinas, 2006. 467p.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Catolicismo protestante: as comunidades de base evangelizam o protestantismo brasileiro. In: MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990a. p. 265-275.

_____. Evolução histórica e configuração atual do protestantismo no Brasil. In: MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990b. p.11-59.

_____. **Protestantes, pentecostais & Ecumênicos: o campo religioso e seus personagens**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008. 223p.

_____. **Vocação ao fundamentalismo: introdução ao espírito do protestantismo de missão no Brasil.** In: MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil.** São Paulo: Loyola, 1990c. p. 133-144.

_____. **Fundamentalismo, Religião, Ética e Transformação Social. Como buscar e encontrar os fundamentos da vida.** In: SOTER. **Religião e Transformação Social no Brasil Hoje.** São Paulo: Paulinas, 2007, p. 93-112.

MONDIN, Batista. **Os Grandes Teólogos do Século Vinte.** São Paulo: Edições Paulinas, 1979. 277p.

PADEN, William E. **Interpretando o Sagrado: Modos de conceber a Religião.** São Paulo: Paulinas, 2001. 234p.

PIKAZA, Xabier. **Violência e diálogo das religiões: um projeto de paz.** São Paulo: Paulinas, 2008, 230p.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLIA. **A INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA NA IGREJA.** São Paulo: Paulinas, 1994. 110p.

REIMER, Ivoni Richter, **Trabalhos acadêmicos: modelos, normas e conteúdos.** São Leopoldo: Oikos, 2012. 112p.

_____. **Ananias e Safira nas origens do Cristianismo e suas interpretações: reler e reconstruir Atos 5,1-11.** São Leopoldo: Oikos, 2011. 95p.

REVISTA HORIZONTE, Belo Horizonte, v.8, n. 18, p. 14, jul/set.2010 – INSN: 2175-5841.

SCHLEGEL, Jean-Louis. **O fundamentalismo protestante.** In: FIACAT. **Fundamentalistas e integristas ante a modernidade.** São Paulo: ACAT, 1996. 149p.

SCHWEITZER, Louis. **O fundamentalismo protestante.** In: FIACAT. **Fundamentalismos integristas: uma ameaça aos direitos humanos.** São Paulo: ACAT, 1996. 149p.

SIEPIERSKI, Carlos Tadeu. **O Sagrado num mundo em transformação.** São Paulo: Edições ABHR E UFPE, 2003. 221p.

STACCONE, Giuseppe. **Filosofia da Religião.** O pensamento do homem ocidental e o problema de Deus. Petrópolis: Vozes, 1991.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. **O Jesus histórico: um manual.** São Paulo: Loyola, 2002.

TÜRCKE, Christoph. **Fundamentalismo.** In: DE BONI, Luis Alberto (Org.). **Fundamentalismo.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. 75p.

VASCONCELOS, Pedro Lima. **Fundamentalismos: matrizes, pesquisas e inquietações**. São Paulo: Paulinas, 2008. 127p.

VELASQUES FILHO, Prócoro. O nascimento do “racismo” confessional: raízes do conservadorismo protestante e do fundamentalismo. In: MENDONÇA, Antônio Gouveia; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990a. p. 111-132.

_____. “Sim” a Deus e “Não” à vida: conversão e disciplina no protestantismo brasileiro. In: MENDONÇA, Antônio Gouveia; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990b. p. 205-232.

VERGEZ, André; HUISMAN, Denis. **História dos filósofos ilustrada pelos textos**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1988.

WITHERUP, Ronald D. **Fundamentalismo Bíblico: o que todo católico deveria saber**. São Paulo: Ave-Maria, 2004. 140p.

WENZEL, João Inácio; ROSSI, Roberto; WITTER, Teobaldo. **Fundamentalismos: Relação entre Religião, Política e Direitos Humanos**. São Leopoldo: Cebi, 2011. 52p.